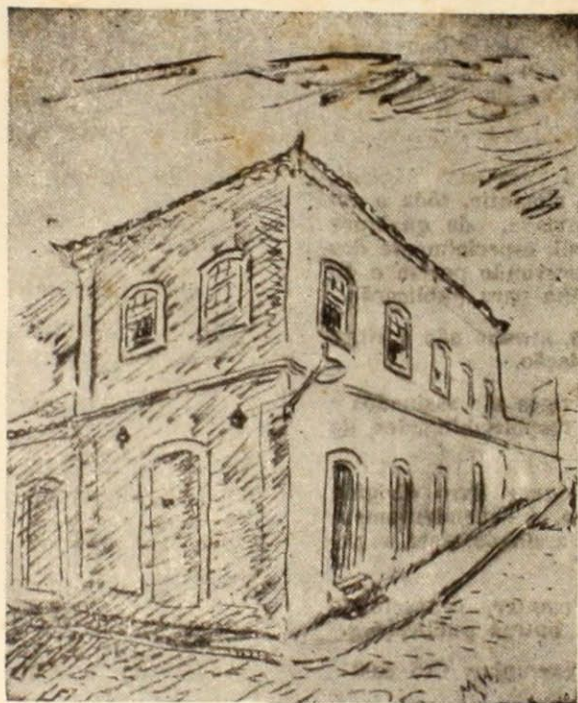


# SUL



## EXPEDIENTE

### SUL

Revista do Círculo de Arte  
Moderna

Ano V — Florianópolis, Junho  
— 1952 — N.º 16

CAIXA POSTAL, 384  
Florianópolis — Santa Catarina —  
Brasil

#### Diretor:

Dr. Anibal Nunes Pires

#### Secretário:

Walmor Cardoso da Silva

#### Redatores:

Doralécio Soares, Eglê Malheiros,  
Élio Balstaedt, Fúlvio L. Vieira,  
Luis Santos, Odílio Malheiros Jr.,  
Ody Fraga, Pedro T. Taulois, Syl-  
vio E. P. Martins, Salim Miguel.

Sul acolherá em suas páginas,  
com a maior simpatia, toda a co-  
laboração enviada, de qualquer  
parte do Brasil, especialmente dos  
jovens, se reservando porém o di-  
reito de escolha para publicação.

Os originais, mesmo não aceitos,  
ficam na Redação.

Todos os artigos são assinados e  
decorrem, as responsabilidades, de  
seus autores.

Todo e qualquer livro dirigido  
a esta revista, independentemen-  
te de crítica assinada, será regis-  
trado.

Desejamos manter contacto e  
permuta com outras publicações.

Preço por exemplar: Cr\$ 5,00

Assinatura Anual (4 números)  
Cr\$ 20,00 — Registrado — Cr\$ 22,00

As assinaturas podem ser pedi-  
das diretamente à direção, por va-  
le postal ou carta registrada com  
valor declarado.

NOSSA CAPA — Casa de Vitor Meireles — desenho de  
Martinho de Haro

## REPRESENTANTES:

### No Brasil

Pôrto-Alegre (Rio G. do Sul)

Antônio da Silva Filho  
R. Joaquim Nabuco, 126

Curitiba (Paraná)

Rogério Chatagnier  
R. Dr. Keller, 384

São Paulo (São Paulo)

Ruy Brand Corrêa  
R. Baroneza de Itú, 336

Distrito Federal (Rio de Janeiro)

Dr. Hamilton V. Ferreira

Salvador (Bahia)

Vasconcelos Maia  
R. Democratas, 9

Recife (Pernambuco)

Walmir Maranhão  
R. do Peixoto, 368

Teresina (Piauí)

O. G. Rêgo de Carvalho  
R. Lisandro Nogueira, 1223

### No Exterior

Faro — Algarve (Portugal)

Dr. Manuel Pinto

Ilha das Flores (Açores)

Pedro da Silveira

Montevideo (Uruguay)

Matilde D'Espaux

Buenos Ayres (Argentina)

Blanca Terra Vieira

### U. S. A.

Richard M. Morse

## "SEMANA DE ARTE MODERNA"

**Eu creio que os modernistas da Semana de Arte Moderna, não devemos servir de exemplo a ninguém. Mas podemos servir de lição.**

**Mário de Andrade**

Com falhas, com erros clamorosos, com infantilidades, com mais o que quizerem, impossível se torna negar a importância da Semana de Arte Moderna na vida espiritual do país. Bem sabemos quão difícil nos é, mesmo agora, quando trinta anos são passados, tentar uma análise fria e objetiva do movimento. Mesmo porque, se mais fatores não houvesse, bastaria o de se acharem vivos e atuantes ainda muitos de seus valores mais expressivos. Embora, por outro lado, já posamos, desta distância, olhar para trás, para o que foi feito, com relativa isenção de ânimo. E é lógico que, dentro de nossos pontos de vista filosóficos, estéticos e sociais, tentar uma explicação da "semana". Não é para agora, contudo, para esta primeira página, que não poderemos estender demasiadamente, um estudo mais longo e aprofundado. Guardar-nos-emos para outra oportunidade. Somente, a par deste simples comentário sobre a "semana" e o que ela nos sugere, gostaríamos de deixar aqui algumas notações para futuros trabalhos.

Feito eminentemente com um sentido destrutivo, o movimento da "semana", sem uma base estabilizada, improvisado, cindiu-se desde logo em inumeráveis grupelhos, cada qual com uma visão estética, humana e social inteiramente diversa. Nem se diga que o movimento não teve influência na vida política da nação. Teve. Não é nosso intento mostrar aqui, e agora, se tal influência foi benéfica ou maléfica. Ou a extensão dela. Assinalemos o fato e basta. A verdade a anotar é que diversas correntes se dizem provindas ou influenciadas de forma direta pela "Semana".

Transportando para o Brasil, adaptando, remodelando, tornando indígenas outras correntes alienígenas, estas acabaram por se transformar, por força de uns quantos artistas de peso, em manifestações verdadeiramente brasileiras. Porque é impossível ainda aos mais fanáticos, deixar de reconhecer a influência, no movimento estourado em 1922, em São Paulo, com repercussão subsequente por todo o Brasil, de correntes artísticas em moda na Europa. (Não resolve agora procurar ver qual das correntes de então teria mais importância, melhor serviria ao país, se a importada, com vultos como Max Jacob, Apollinaire, Blaise Cendrars e outros ou se a de Gorki, Henri Barbusse, etc. Mais uma vez o "se" não tem significado. Podemos tão somente analisar o que aconteceu e não o que poderia ter...).

Mário de Andrade está sempre falando, nos seus livros, em nomes de projeção na França, Itália, etc. Até Marinetti, embora vaiado e depois aderindo com seu futurismo ao movimento fascista, teve seus fugazes dias de Brasil.

É inegável que obras como as de Mário de Andrade, com todos os possíveis exageros, deformações e influências exteriores, pertencem ao patrimônio cultural do Brasil. Tanto quanto as maiores de

antes dele. Tanto quanto as de um Manuel Antonio de Almeida, um Raul Pompeia, um Lima Barreto, um Euclides da Cunha, um Machado, etc. E é na obra dêsse representante e mais credenciado e importante da geração, de tudo que a semana teve de positivo e negativo, que poderemos melhor — milhormente, como diria êle — notar todos os defeitos, tôdas as virtudes da "semana". Sim, não necessitamos ir às obras de outros de seus companheiros como Osvald de Andrade, Menotti, Plínio Salgado, Antônio de Alcântara Machado, Manuel Bandeira, Graça Aranha (que aderiu depois de já ter uma obra feita e mesmo pertencer à vetusta e paralítica Academia Brasileira de Letras, etc.). A mesma Academia que tanto atacou o movimento e agora se apresta, velha gágá, a homenagear a "semana". O que, convenhamos, é um mau sinal tanto para a Academia como, mais ainda, para a "revolução" de 22 que assim, aceitando a homenagem, se adapta e conforma.

O Brasil artístico de antes de 1922, depois de um período áureo nas letras, caíra num verdadeiro marasmo, numa repetição perene de fórmulas, num academismo inócuo: na poesia o parnasianismo chegara ao extremo limite da exaustão; na prosa, Coelho Netto, se chamando a si mesmo "o último heleno", fabricando livros em catadupa e onde nem meia dúzia se salva, fazia, no dizer feliz de Monteiro Lobato (frize-se que êste também inimigo acirrado da semana, o que tira qualquer caráter de parcialismo) livros que necessitavam de ser traduzidos. Na pintura, na música, tudo igualmente vazio, falso. Não era mesmo, para os elementos da "semana", humanamente possível deixar de fazer o que foi feito, ou fazer de outra forma. Destruir, destruir era a palavra de ordem, levada a cabo tão ao pé da letra por alguns vultos, como, por exemplo, Antônio de Alcântara Machado, o que começou desancando a intocabilidade de Camões. E nesta destruição, muitas vêzes, o destruído era superior ao destruidor. Porém, só mais tarde se chegaria a alcançar um equilíbrio construtivo. Às vêzes mesmo só na obra de elementos surgidos após o movimento, não aceitando o movimento ou aceitando-o parcialmente, foi que os melhores trabalhos viram a luz. Assim um Marques Rebêlo, um José Lins, um Jorge Amado, um Graciliano (que tantas declarações contra a semana tem feito), outros mais.

Mas é ainda em Mário de Andrade, sempre lúcido, que vamos buscar, na conferência feita no Itamarati (Movimento Modernista — 1942), a explicação, o mea-culpa da "semana". Sinceridade, aquela sinceridade tão inata nêle e que talvez chegasse ao exagero, ali transpira, convidando, concitando os artistas da "semana" e os seguidores da "semana" a fazerem uma revisão geral de valores. (Ver trechos da Conferência à pág. 3).

Seria talvez preciso falar de outros movimentos surgidos na mesma época ou quase. Porém isto se nos afigura inútil por um simples motivo: praticamente não existiram, pois não influenciaram em nada ou quase nada. Aceitemos a priori que eram mais bem estruturados, mais significativos, mais necessários do que a "semana". Não importa. Repercussão alguma tiveram, por motivos que não vêm ao caso agora esclarecer, ficaram restritos a uma meia dúzia.

E a verdade é que, apoiado logo de início por esnobes, pela alta burguesia de São Paulo, pelos granfinos cheios de spleen, tomado para divertimento, o movimento da semana transcendeu, avolumouse, foi além do previsto.

(Conclui à página 48)

## DOCUMENTARIO

### MOVIMENTO MODERNISTA

Mário de Andrade

De Mário de Andrade, talvez a figura mais importante da célebre semana de arte moderna, os trechos que abaixo damos e que melhor do que tudo que pudésemos dizer são um documentário significativo daquele período.

E me cabe finalmente falar sobre o que chamei de "atualização da inteligência artística brasileira". Com efeito: não se deve confundir isso com a liberdade de pesquisa estética, pois esta lida com formas, com a técnica e as representações da beleza, ao passo que a arte é muito mais larga e complexa que isso, e tem uma funcionalidade imediata social, é uma profissão e uma força interessada na vida.

A prova mais evidente desta distinção é o famoso problema de assunto em arte, no qual tantos escritores e filósofos se emaranham. Ora não há dúvida nenhuma que o assunto não tem a menor importância para a inteligência estética. Chega mesmo a não existir para ela. Mas a inteligência estética se manifesta por intermédio de uma expressão interessada da sociedade, que é a arte. Esta é que tem uma função humana, imediatista, e maior que a criação hedonística da beleza. E dentro dessa funcionalidade humana da arte é que o assunto adquire valor primordial e representa uma mensagem imprescindível. Ora, como atualização da inteligência artística é que o movimento modernista representou papel contraditório e muitas vezes gravemente precário.

Atuais, atualíssimos, universais, originais mesmo por vezes em nossas pesquisas e criações, nós, os participantes do período milhormente chamado "modernista", fomos, com algumas exceções nada convincentes, vítimas do nosso prazer da vida e da festança em que nos desvirilizamos. Si tudo mudávamos em nós, uma coisa nos esquecemos de mudar: a atitude interessada diante da vida contemporânea. E isto era o principal! Mas aqui meu pensamento se torna tão delicadamente confessional que terminarei este discurso falando mais diretamente de mim. Que se reconheçam no que vou dizer os que o puderem.

---

Mais eis que chego a este paradoxo irrespirável: tendo deformado toda a minha obra por um anti-individualismo dirigido e voluntarioso toda a minha obra não é mais do que um hiperindividualismo implacável! E é melancólico chegar assim no crepúsculo sem contar com a solidariedade de si mesmo. Eu não posso estar satisfeito de mim. O meu passado não é mais meu companheiro. Eu desconfio de meu passado.

Mudar? Acrescentar? Mas como esquecer que estou na rampa do cincoenta anos e que os meus gestos agora já são todos... memórias musculares?... Ex omnibus bonis quae homini tribuit natura, nullum melius esse tempestiva morte... O terrível é que ainda nos seja mais acertada a discreção, a virarmos por aí cacoeiros de atualidade, macaqueando as atuais aparências do mundo. Aparências que levarão o homem por certo a maior perfeição de sua vida. Me recuso a imaginar na inutilidade das tragédias contemporâneas. O Homo Imbecilis acabará entregando os pontos à grandeza do seu destino.

Eu creio que os modernistas da Semana de Arte Moderna não devemos servir de exemplo a ninguém. Mas podemos servir de lição. O homem atravessa uma fase integralmente política da humanidade. Nunca jamais ele foi tão "momentâneo" como agora. Os abstencionismos e os valores eternos podem ficar pra depois. E apesar da nossa atualidade, da nossa universalidade, uma coisa não ajudamos verdadeiramente, duma coisa não participamos: o amilhoramento político-social do homem. E esta é a essência mesma da nossa idade.

Si de alguma coisa pode valer o meu desgosto, a insatisfação que eu me causo, que os outros não sentem assim na beira do caminho, espiando a multidão passar. Façam ou se recusem a fazer arte, ciências, ofícios. Mas não fiquem apenas nisto, espões da vida, camuflados em técnicos da vida, espiando a multidão passar. Marchem com as multidões.

Aos espões nunca foi necessária essa "liberdade" pela qual tanto se grita. Nos períodos de maior escravização do indivíduo, Grécia, Egito, artes e ciências não deixaram de florescer. Será que a liberdade é uma bobagem?... Será que o direito é uma bobagem?... A vida humana é que é alguma coisa a mais que ciência, arte e profissões. E é nessa vida que a liberdade tem um um sentido, e o direito dos homens. A liberdade não é um prêmio, é uma sanção. Que há de vir.

(Esta conferência, lida no Itamarati, em 1942, foi depois editada pela Livraria-Editora da Casa do Estudante do Brasil).

## CRÍTICA

### UM NOME TÃO SIMPLES

Eglê Malheiros

“Um nome tão simples,  
a força que tem.

Três letras apenas,  
três letras pequenas,  
não custa dizer.

Joguem os nomes  
por onde passarmos  
e o nome tão simples  
veremos crescer”.

Assim se inicia o poema “A GABRIELA MISTRAL”, de Lila Ripoll. Todo o livro, “NOVOS POEMAS”, é uma sequência de belas e delicadas páginas, mas animadas de uma força interior que às vezes surpreende o leitor menos avisado, pois por detrás do ritmo cantante e das palavras suaves há fogo do amor, da certeza e da revolta.

Os poemas de Lila são bem ela mesma: delicadeza, ternura, aparente fragilidade, mas um caráter firme e audaz que não se dobra. E à medida que a conhecemos nós a vemos crescer. O mesmo se dá com seu novo livro.

De há muito vem a discussão de se o artista deve “participar” ou não. Creio que a simples formulação da questão já é uma definição. Ninguém pode viver afastado do seu meio e do seu tempo, pode sim, deixar de contribuir para o melhoramento de seu meio e para o avanço de seu tempo, veremos então no “não participante” um adepto do atraso e do obscurantismo. Mas outra é, e sempre foi no decorrer da história, a atitude do verdadeiro artista, e, no caso, do poeta.

Ser poeta não é só fazer versos e descobrir ritmos, é antes de tudo ser dotado de uma especial sensibilidade pronta a reagir não só deante da beleza e da bondade, como deante da miséria e da injustiça, uma sensibilidade que faça tornar suas tôdas as dôres e tôdas as alegrias da humanidade, ser poeta é antes de tudo sentir amor. O amor não é, no entanto, um sentimento passivo e extático, êle é dinâmico e combativo; o que ama não se compadece sômente de quem sofre, não, êle luta para acabar com o sofrimento. E essa atitude de amor e combatividade tem sido a atitude de todos os poetas, de todos os artistas.

Naturalmente cada poeta tem uma maneira própria de expressar seus sentimentos, um ritmo todo seu, palavras e expressões características. Assim é que um Eluard é, na forma, diverso de Neruda, e Guillén pouco parecido com Hikmet. Porém o mesmo amor e a mesma certeza os irmana. Se nos voltarmos para o passado poderemos dizer o mesmo com relação a Castro Alves, Goethe ou Vitor Hugo. Se os maiores poetas do presente têm conceitos políticos diferentes de Castro Alves, têm no entanto o mesmo amor aos homens e o mesmo ódio à tirania e a mesma sede de progresso. Castro Alves foi o mais adiantado que podia ser no seu ambiente e no seu tempo, é natural que sua herança permita um avanço e não condicione um estacionamento. Quaisquer que tenham sido no passado, e sejam no presente, as divergências secundárias ao interpretar os fatos, há sempre uma coisa comum a todos os poetas progressistas ("participantes"): amor à paz, à humanidade e ao progresso; ódio à guerra, à opressão e ao obscurantismo.

Disse há pouco que ser poeta não é só fazer versos e descobrir ritmos; já pareço ouvir uma saraivada de protestos: conteudista, etc. . . Claro, não é só fazer versos, é preciso que esses versos digam alguma coisa; não é só procurar ritmos, necessário se torna que esses ritmos estejam animados por algum sentimento. A perfeição da forma auxilia a melhor penetração da idéia, e um belo verso é aquele que, dizendo alguma coisa humana e sensível, o faz com palavras próprias e ritmo justo. A perfeição da forma valoriza a poesia, mas só a forma não basta.

Muitas vezes há poemas de boa vontade, mas escritos por maus poetas; logo os partidários da arte gritam: "Viu, foi a intenção social que estragou o poema!" O que eles jamais verificam é se o mesmo autor, fazendo um poema "à moda da casa", não seria igualmente mau poeta. Porque quando falamos em poesia o que se deixa estabelecido preliminarmente é que vamos tratar de poetas, de pessoas com capacidade artística, que, possuindo sentimento poético, o exprimem desta ou daquela maneira, com esta ou aquela técnica, possuindo esta ou aquela visão do mundo. Que o poema não pode ser nem um discurso, nem um amontoado de "slogans", isto nós sabemos muito bem, pois no final sai um péssimo poema e um péssimo discurso, perdem-se os dois.

Tudo que disse anteriormente está muito bem ilustrado no livro de Lila Ripoll.

A maneira de expor o pensamento é toda dela, nós não podemos confundir seus versos com os de mais ninguém. As palavras fluem sem esforço, tem-se a impressão de que substituir uma palavra é como deixar em cacos um vaso de cristal. Há em todo o livro um ritmo terno como o do acalanto que, quando se torna necessário, muda, sem quebrar de unidade, para o protesto firme e sofrido. Em nenhuma página as grandes e altissonantes palavras da poesia condoreira. É sempre a poesia de uma mulher, que sofre com profundidade mas sem gritos, que odeia de maneira surda, que combate quieta mas inexoravelmente heróica, que ama até o sacrifício sem necessidade de gritar seu amor.

As palavras são poucas, escolhidas de maneira a darem o máximo de intensidade emocional com o mínimo de desperdício de sons. Quem nesses poemas procurar lantejoulas e fogos de artifício, sairá de mãos vazias. São palavras escolhidas, jamais rebuscadas. É a preocupação com a forma, não é o formalismo.

Afirmo que o livro às vezes surpreende o leitor menos avisado



Por que? Porque o ritmo enlevante, a delicadeza não só das palavras como da estrutura do poema, podem de início levar a imaginar um livro suave e ligeiro. Basta no entanto sentir os versos, aprofundar as palavras e se está diante de algo profundo e emocionado, diante de poemas que, depois de lidos ainda nos comovem, que permanecem conosco, como toda poesia permanece.

O primeiro poema do livro é ANDANTINO. A poetisa vê um menino andrajoso vendendo flores, sente por ele o carinho que a infância provoca, mórmente a infância desvalida, que tantos lamentam; ela não se limita ao lamento, ela protesta e indica um caminho:

“...Transbordam ternuras  
dos lábios dos homens,  
chorando-te a sorte  
e os sonhos inúteis  
de barca  
sem norte.

.....  
Andemos, menino,  
andemos andemos  
com chuva ou luar.  
— O chão não floresce  
sòzinho por nós.  
E é tempo  
de andar.”

Nas altas montanhas,  
nas rasas planícies,  
com chuva ou luar,  
plantemos, menino,  
que é tempo  
de andar!”

É um belo poema, pleno de sensibilidade, que dá bem uma amostra de como ela usa as palavras simples, mas carregadas de sentimento e poesia.

O poema “ELEGIA” é, ao lado de “A GABRIELA” e “DUAS VARIAÇÕES SOBRE UM MESMO TEMA”, dos melhores até hoje escritos por Lila Ripoll, e pode figurar entre os melhores da língua. Tudo perfeitamente expresso, a dor da perda dos companheiros, a veneração da bravura dos heróis, o ódio intenso aos assassinos, a certeza que a morte dos heróis de Livramento não é um fato isolado mas episódio de uma grande batalha; há ódio mas não desêpero:

“Os homens tombaram,  
tombaram sem medo,  
singelos,  
heróicos,  
severos e graves,  
à luz do luar.

No rosto de espanto  
brilhava a certeza,  
no porte estendido,  
calado, eloqüente,  
vivia uma história,  
mas não familiar.

.....  
E tu, Livramento,  
por quantos choraste?  
Que mãos se crispavam  
de dor e revolta?  
Que vozes se ergueram  
na noite passada?

.....  
No porte estendido,  
calado, eloqüente,  
os homens tombados,  
severos e graves,  
apontam caminhos,  
desfraldam bandeiras,  
nas ruas, nos campos,  
nos rios e no mar.

Tombaram sem mêdo,  
singelos,  
heróicos,  
severos e graves,  
à luz do luar".

Ao lermos êsse poema ficamos de coração crispado, cheios de ódio contra aqueles que, para manterem uma situação de privilegiados, nem mesmo diante da matança recuam; é um poema fundamentalmente revolucionário sem que a nota seja forçada, sem que a Autora sacrifique seu êstilo todo próprio.

É bom notar a atitude modesta que Lila toma diante dos companheiros, ela não aponta caminhos nem dita normas, ela aceita as diretivas revolucionárias, contribue para sua efetivação, porém nunca como "iluminada", mas sim como uma entre muitos, seu esforço uma parcela do esforço coletivo, a vitória comum sua única e legítima vitória.

Destaco do livro alguns poemas de Lila não porque ache os outros maus, mas porque considero êsses os melhores, os mais característicos. Essa superioridade de uns sobre os outros é quase sutil, pois o livro tem muita unidade e um elevado padrão. É de uma qualidade rara nessa época de tanta quantidade. No entanto a grande imprensa silenciou. Mesmo aqueles que elogiavam Lila Ripoll quando ela escrevia com a mesma sensibilidade, mas sem a visão revolucionária e cheia de esperança que hoje possui, e sem o atual aperfeiçoamento da forma, mesmo aqueles silenciaram, no entanto sua poesia nem um instante deixou de crescer. Por êste exemplo (podíamos citar outros) pode-se ver como a escala de valores precisa ser refeita neste Brasil, onde a crítica oficial está a valorizar o abstracionismo, a pieguice, a decadência e a cegueira, tudo enfim que não desvende a verdade.

Lila Ripoll, que sempre se fez notar por seu amor à humanidade, seu ódio ao presente estado de coisas, nem sempre teve do mundo uma visão revolucionária e sua reação diante dos acontecimentos muitas vezes foi de desespero. Mas ela era, antes de tudo, sincera. E o caminho que ela percorreu até o seu atual modo de pensar nós acompanhamos em "DUAS VARIAÇÕES SOBRE UM MESMO TEMA":

"... Estou sózinha e tenho as mãos vazias.  
Mas meus olhos não choram  
e o meu canto é de esperança.

.....  
Foste tu, meu Partido, foste tu.  
A ti devo este encontro com a vida  
e o claro rumo de meus pensamentos.

.....  
Esta simplicidade com que vivo,  
o olhar que hoje se alonga no futuro,  
o orgulho do trabalho e as rosas novas,  
que no meu coração estão florindo,  
foi lição recebida junto a ti.

A ti devo este encontro com a vida,  
e a natural fraternidade  
com que o pão de minha mesa se reparte.

Há um grande número de poetas de alma sensível e coração sincero que, por um desvio de sensibilidade, não vêem a humanidade e esquecem suas dores, a eles Lila se dirige de maneira decidida mas com jeito amigo:

"Mas além das flores, das estrélas baças,  
ama a vida pura,  
ama o pão sem manchas,  
e ama aos homens, poeta.

Todo o amor à paz, a luta sem tréguas que homens e mulheres do mundo inteiro estão travando em defesa da vida e do futuro, contra os que se voltam para os filhos do povo em busca de carne para canhão, está tudo sintetizado nas páginas de "A GABRIELA MISTRAL". Um nome tão simples — Paz — que move multidões, une pessoas antes estranhas, provoca o ódio dos fazedores de guerra e é a esperança de toda a humanidade. O amor combativo de milhões de seres simples pela paz nós o sentimos nos versos da Autora. E ganhamos a certeza de que o nosso é o bom combate, que o nome nós o veremos crescer até que se torne uma realidade permanente e feliz.

O livro de Lila Ripoll é a sua contribuição à luta de toda a humanidade por dias melhores e plenos de paz. É também um valor real da poesia brasileira. Páginas simples e belas, oferenda amiga daquela de nome tão simples que poderá dizer, um dia, como Julio Fuchik: "Homens eu vos amava! Velai!"

(Lila Ripoll — NOVOS POEMAS — Cadernos da Horizonte — Porto Alegre, 1951 — Capa e planejamento gráfico de Carlos Scliar).

## INFLAÇÃO DO CONTO

J. P. Silveira de Scusa

Parece que o conto vai desbancar a poesia, em matéria de quantidade. Últimamente, é de fato espantoso o número de contos e contistas que têm surgido no palco literário. Uma das costumeiras epidemias, com certeza. Os próprios poetas, exgotadas as suas fontes, começaram a lançar os olhos, ou a dar as suas "arriscadinhas" nesse gênero literário. E as estantes das livrarias — que outrora amareleciam estoques enormes de livros e cadernos de poemas, hoje principiam a amarelecer livros de contos...

O pior é isto: livros de contos. Que se prepare a matéria de um jornal ou de uma revista com 60 ou 70% de contos, é muito natural e aceitável. O jornal ou a revista não têm a responsabilidade de um livro. A matéria daqueles não necessita o valor dêste, visto que o jornal ou a revista são apenas de caráter experimental, enquanto que o livro é uma afirmação. O valor do segundo é uma consequência direta da repercussão dos primeiros.

Todavia, o que sempre seduziu a maioria dos nossos homens de letras, principalmente os novos, foi a publicação de livros. Um velho sonho dourado, que os antigos nos legaram. Uma vaidade, uma alegria geralmente particular. Quanto maior a bagagem literária, tanto maior o orgulho, a satisfação do seu autor. Não importa a essência, a qualidade. O importante — e principalmente, o bonito — é escrever bibliotecas.

Daí, o aparecimento em massa de livros, quase que diariamente. E, hoje em dia, de livros de contos em sua maioria. São eles recebidos com aplausos pelas respectivas "igrejinhas" e elogiados cínica e geralmente particularmente pelos literatos de frases feitas que, de um modo ou doutro, não encontram boas perspectivas na crítica honesta...

É claro que há excessões nisso tudo e entre esse acervo de livros, alguns há que são contribuições valorosas para a nossa literatura. Mas, com raras excessões, nota-se que o reconhecimento destes últimos autores já vem sendo feito anteriormente, por intermédio dos jornais ou das revistas.

Os contos do senhor José Condé não deviam ainda ser enfeixados em livro. Esta foi a impressão que tivemos ao terminar a leitura do "Histórias da Cidade Morta". O livro, embora seja um valor, não é uma afirmação.

Notamos, em cada conto, uma parece que imprecisão do autor, como se ele próprio se sentisse embaraçado em aplicar as palavras, vivendo intimamente todas as reações, todos os detalhes, sem encontrar, no entanto, a forma estética precisa que desejava, para exteriorizar as cenas e os sentimentos. Por isso, as reações dos personagens serem fracas, débeis, sem expressão, sem vida e o conto em si não convencer.

Um exemplo bem claro vamos encontrar no conto "A Cidade". Há uma falta de naturalidade gritante. A vida foge dos personagens e eles se transformam em bonecos quase melodramáticos. Não são fi-

guras claras, objetivas, mas, vagas, sonhadoras, indistintas que o leitor, por mais que se esforce, não acha um protótipo de carne e osso. Nos diálogos geralmente curtos, há sempre um quê misterioso, vago, reticente, se aqui se pode usar esta palavra. Se não, vejamos à página 22: "Sentei-me". (Passa-se isto num cabaré, com música, barulho, gargalhada, vozeiro, bêbados, prostitutas, etc.). "Apertei o braço de Leopoldo indagando:

— Quem é ?

Ele a princípio não soube do que se tratava. Mas logo em seguida sorriu e falou com certo enfado:

— Oh, é como as outras.

— Você a conhece ?

— Todos as conhecem em todos os lugares.

— Por favor, Leopoldo. Refiro-me a "ela".

Ela é Laura, prostituta, "uma figurinha indefinida"... Mais adiante, à página 23:

— Gosto dêsse silêncio — disse ela.

Indaguei:

— De onde você veio ?

— De qualquer lugar.

— Mas isto não quer dizer nada.

— E é preciso dizer ? Sou apenas o que você quiser pensar de mim".

E o personagem conclui dizendo que gostou de Laura...

Em vários contos, há passagens semelhantes, em que o senhor José Condé não conseguiu tirar o efeito que se esperava. A cena d'"O Cachorro", passada no bar do Gumercindo, é outro exemplo.

Os cachorros, aliás são personagens constantes no "Histórias da Cidade Morta". Até quando não aparecem o autor os salienta:

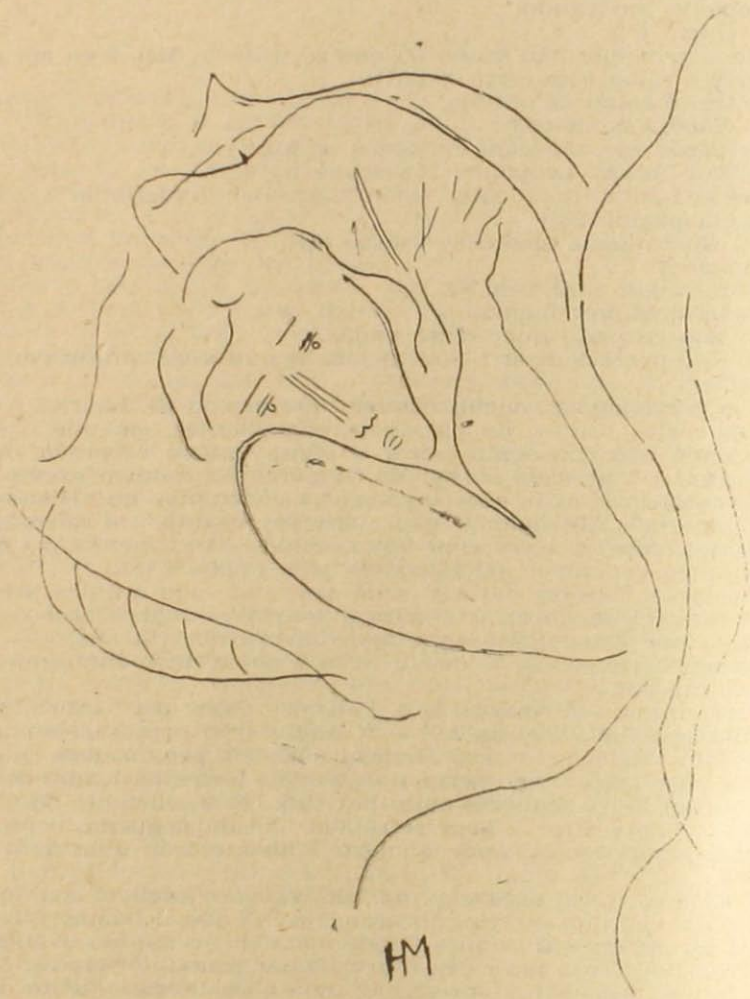
"A porteira se abriu com um rangido sêco, e nenhum cachorro veio ao meu encontro". (O Regresso, pag. 1314).

Os nossos leitores deverão estar pensando que a única preocupação nossa está em mostrar e criticar os pontos mais fracos do livro, passando por cima dos outros, mais favoráveis. Ou então — o que nos causaria remorsos — que o livro é constituído inteiramente de pontos fracos.

Seria injusto afirmar-se isso. Podemos dizer que "João", "O Apêlo", "Desamparo", "Sentinela" e "Cláudia" são contos relativamente bons. Satú, Mariano e José Henrique são os personagens que mais "vivem", por isso os que permanecem mais fortes na lembrança, após a leitura do livro. A morte paira por tudo. É a constante de todas as histórias. Santa Rita é bem retratada; cidade pequena, com dias e acontecimentos iguais, onde a morte somente trás uma nota de diferença.

Portanto, como dissemos, os leitores não julguem mal o nosso comentário, porque escrito sinceramente. O que achamos foi apenas que os contos do senhor José Condé não deviam ainda ser enfeixados em livro. Poderia o autor esperar mais um pouquinho, retocá-los com mais calma, para então apresentar uma obra literariamente de mais fôlego. Não é um fracasso o "Histórias da Cidade Morta". Todavia, não é também uma glória. Na confusão literária em que vivemos atualmente, a publicação de um livro necessita de muita auto-crítica, muito bom senso e muito equilíbrio.

O "Histórias da Cidade Morta", do Senhor José Condé, tem entretanto, uma bela edição do "Journal de Letras", bom papel e ótimas ilustrações de Farnesé. Isso, às vezes ajuda muito...



Composição — Hugo Mund Jr.

## WALT DISNEY, GÊNIO?

Um crítico paulista, talvez W. G. Durst qualificou-o "Cecil B. De Mille dos desenhos animados" e não deixou de ter alguma razão. Enquanto que o famigerado diretor de "Sansão e Dalila" descobriu o filão aurífero dos argumentos bíblicos e pseudo-históricos, o produtor de "Bambi" se agarrou, com boas compensações, nas infundáveis historietas para crianças, nos "fairy tales", nas fantasias românticas enfim.

Como se faz em Literatura, também em Cinema deve ser feita uma revisão de valores. Disney é um desses tabús que o grande público e as poderosas organizações de publicidade convencionaram chamar "gênio". Não sendo descobridor daquilo que Emile Cohl e outros criaram, e nem constituindo um estágio definitivo da cinematografia, o rico produtor pode ser considerado — como o pode também o seu colega De Mille — um gênio comercial. Walt Disney Pictures tem garantias certas de bilheteria mesmo quando fazem "Bongo".

O brilho fantasmagórico de seus filmes desenhados impressiona até aos mais esclarecidos. E dou com os olhos, numa opinião de José Lins do Rego que acha Mr. Disney "maior que Chaplin, maior que o próprio cinema" e invoca o barroco dos desenhos de Walt que "faz o milagre" enquanto que Carlitos é "um escravo da realidade". O ensalista de "Cordos e Magros" superestima o valor de Disney em paralelo com Chaplin como se aquele característico pudesse ser um limite às realizações deste último.

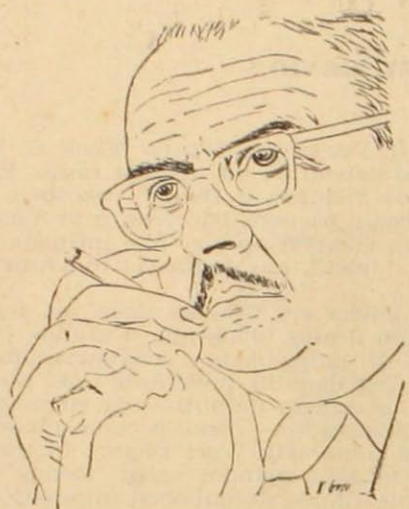
Sou como Roberto Nobre que escrevia: "O que eu amo nos desenhos animados é a evasão para o abstrato, a maravilha estética, a assombrosa imaginação, o prodigioso mundo singular que através deles foi descoberto para a arte". Mesmo em Disney — sou obrigado a reconhecer — há momentos de sugestiva criação: com cinema e humor.

Os primeiros trabalhos de Disney, quando recém-chegado de Kansas City se estabeleceu em Hollywood, são consideráveis. Foi o tempo de Mickey Mouse. Suas caricaturas tinham então espírito e os desenhos moventes daquela época fizeram justo sucesso.

Gilberto Souto conta detalhes biográficos sobre Disney de 30 anos atrás. Walt e seu irmão Roy viviam com 50 dólares mensais. Um tio lhes emprestou 500 dólares e começaram a trabalhar. Com empréstimos em bancos no valor de 1 milhão de dólares a empresa principiou a progredir num progresso típico dos milionários americanos.

No início, a partir de 1923, seus desenhos tinham comicidade e certa qualidade como cinema. Os bonecos e a natureza "humanizada" constituíam uma realidade à parte, mas tinham vida, a vida dum novo mundo imaginário. Quando Walt Disney começou a introduzir figuras humanas em seus trabalhos (Branca de Neve, Pinocchio) é que sua "genialidade" claudicou. Os seres humanos pareciam antes espantalhos desengonçados arrastando-se como "zombies".

E o pai do Pato Donald insatisfeito usou ainda figuras de carne e osso, em mistura com os desenhos, completando o ciclo de progressiva "humanização" de suas últimas fitas.



A. Cavalcanti — desenho de Nereu Góss de uma fotografia de Nestor Nadruz

---

A partir do advento da côr e do som vieram uma após outra as melopéias do famoso industrial pagas rêgiamente pela população so-nhadora de todas as latitudes.

Hoje Disney tem uma equipe adestrada de colaboradores anô-nimos que lhe fornecem as glórias. É uma triste consequência — quem comenta é ainda Roberto Nobre — da “taylorização” da arte.

Nos dias que correm alguns artistas fazem um pouco de sombra a Walt Disney e sua legendária organização. Há notícias de que mo-destos estúdios produzem desenhos com um sentido de ideal renova-ção. E mesmo nos Estados Unidos — nas barbas de Disney — Bosus-tow e Cannon ou Fred Quimby fazem desenhos e dos melhores.

Nereu Góss



## CONTEÚDO NO CINEMA

Que vale mais? Forma ou conteúdo?

O ideal é procurar-se a melhor sintonização entre ambas as coisas, naturalmente. Conseguindo-se tal consórcio atinge-se a obra prima. É o caso de "Monsieur Verdoux". Mas Chaplin é expoente dentro do cinema e não são todos que podem chegar ao plano em que êle está colocado.

Temas medíocres, em mãos de hábeis diretores, recebendo tratamento adequado, resultam em boas películas. Entretanto, nem sempre tal coisa acontece. Alguns argumentos indesejáveis fazem com que os espectadores esqueçam o que haja de bom nos demais elementos do filme ainda que êstes tenham valor. Por outro lado, temas apresentados sem grandes cuidados estilísticos, a contarem apenas com a vitalidade emanada de uma idéia, conseguem melhores resultados. É o caso de "Vítimas da Tormenta (Sciúscia)" que retrata o drama da infância abandonada, a história das crianças sem amparo no mundo em câos, entregue á deliquência e ao vício. O filme não tem uma forma modelar mas impressionou as platéias pela cruzeza e coragem em abordar o assunto. Esteticamente talvez seja uma fita inferior a "Metrópolis" de Fritz Lang, realizada na era silenciosa. Mas a linguagem de "Metrópolis" fica sem razão de ser ao expor em seu argumento uma falsa fórmula de melhor compreensão entre as classes opostas dos empregados e patrões, coisa ingénua e reacionária, própria da época e do país onde o filme foi realizado.

### "Néo-realismo" e "Semi-documentário"

O chamado "néo-realismo" de após-guerra, em que predominam os cineastas italianos, pouco ou nada contribuiu para a forma. Esse movimento não enriqueceu o vocabulário cinematográfico. Não fez escola como muitos lhe atribuem. Sua importância é mais documental. Importância de relatório. Dentro de poucos anos, afirma a maioria dos estudiosos de cinema, tais filmes estarão simplesmente reduzidos a peças de museu, pois não conservarão a mesma atualidade. "Roma, Cidade Aberta", "Viver em Paz", "Em Qualquer Parte da Europa", "Paisá", "Mulheres Sem Nome", "Perseguição Trágica", "Arrôs Amargo", "Céu Sobre o Pântano" (talvez o melhor arquitetado na parte estilística), "Ladrões de Bicicletas", todos baseados em temas sinceros, são filmes de linguagem primária rudimentar. Roberto Rossellini ou Géza Radvány impõem o conteúdo, considerando-o elemento principal. A gente tem a impressão que o sentimento é posto acima de tudo, para, talvez, dar melhor vazão a uma revolta, mesmo deixando certas incongruências no ritmo da película que, consequentemente, implicam na sua unidade. Os realizadores caminham direito em alguns instantes e mais adiante andam aos trambolhões. Jamais procuram falar corretamente de acôrdo com as regras gramaticais, há mesmo uma aparente ausência de pesquisa que caracteriza tal produção. Defendem uma causa, expandem a indignação em linguagem rústica. O cinema transformou-se, principalmente, em instrumento para debater problemas, para demonstrar as consequências ruinosas de uma guerra, para lançar seu líbello contra coisas erradas.

Além de sua substância, em certo sentido, embora carecendo de uma forma capaz de agradar aos puristas cinematográficos, o "néo-realismo" veio contribuir para o soerguimento artístico do cinema. Pelo menos é coisa mais séria a opôr-se ao méro comércio de películas destituídas de qualquer valor que andam a saturar os mercados, feitas com a única intenção de ganhar dinheiro, não importando o mal que possam causar ao grande público. Foi benéfico para muita gente de cérebro embotado por êsse cinema de encomenda, para os que acreditam ser "Sansão e Dalila" uma legítima obra prima, para os que se deliciam com as babozeiras estrambólicas de Abbot e Costello ou se delatam com as exhibições super-aquáticas de Esther Williams. O realismo chocou, procurou despertar as consciências. O cinema passou a desvendar um mundo diferente, a trazer até as mentes atrofiadas os problemas de nossos dias que não devem ser desconhecidos de ninguém, educando os que vivem apenasmente a beber Coca-cola e a admirar as belezas físicas de Virginia Mayo. O relativo sucesso do cinema italiano prova essa mudança realizada em muitos expectadores. Tinha de acontecer. Quando surgiu Greta Garbo importaram-na por qualquer preço. Os tempos mudaram e os arranjos comerciais são feitos de acôrdo com a época. Desta forma, procuraram alguns realizadores americanos fazer algo semelhante ao "néo-realismo", de caráter mais comercial, mais prático. Surgiram os "semi-documentários" de Dassin, Hathaway, Keyghley e outros. São filmes policiais bem realizados não resta a menor dúvida, saídos das mãos de cineastas de méritos. Antes dos "semi-documentários", nêsse gênero, em geral, só nos vinham "abacaxis" de Hollywood, apresentando genialíssimos Santos e Charlies Chans, dignos paradigmas de cérebros estropiados por leituras de "Gibi". Mas, embora os "semi-documentários" exibam um tom realista, jamais possuem a coragem em enfrentar temas sociais com a mesma disposição dos europeus. Não puderam sair do âmbito das investigações sherlokeanas. Em "Cidade Nua", Maark Hellinger e Jules Dassin tentaram mostrar uma Nova Iorque real, autêntica, resultando somente em reportagem superficial a acompanhar a trama policial. Nada de se aprofundar na alma da cidade. Tal disposição talvez não seja por culpa exclusiva dos realizadores. É, acima de tudo, um reflexo das imposições financeiras e da indigenta Censura dos Estados Unidos. Portanto, nos "semi-documentários" predominam os criminosos, sádicos, falsários, fugas rocambolescas, perseguições, coisas aventurescas que servem para fazer concorrência vantajosa ao "néo-realismo". Não é uma afirmativa de que êste seja modelo de virtudes, pois, — citando como exemplo, — "Arrôs Amargo" possui um sensualismo e sádismo que parece ter sido encomendado.

### Os inimigos do Cinema de conteúdo

São muitos os inimigos. Interesses obscuros sempre conspiram contra o cinema sério, o cinema de conteúdo. De conteúdo contundente, ferino, está claro. Muitos filmes, por exemplo, custam a atravessar barreiras e serem exibidos em nosso país. "Monsieur Verdoux" levou um tempo enorme para chegar aqui e muitos jamais chegam. A coisa é natural, não causa admiração. Basta a gente dar uma olhada na História para verificar que, em todos os tempos, foram cometidos crimes contra a cultura e contra a arte. Na última guerra, coisa

recente, bibliotecas foram queimadas, livros foram confiscados. Ora, o cinema, que tem grande importância como divulgador, possuindo uma força gigante e elástica notável, podendo de tal modo ir até as regiões mais distantes, como cidadezinhas do nosso interior, onde maiores são as possibilidades de existir uma sala de projeção do que uma biblioteca ou outro meio de divulgação, forçosamente também recebe o ssesu golpes. Sob qualquer pretexto, aparecem mordanças tentando tapar-lhe a boca.

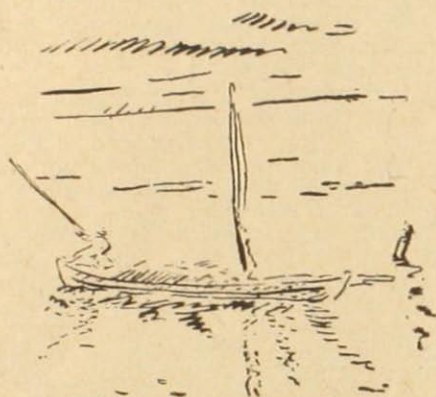
Misteriosamente foram abandonadas as filmagens de "Viva o México" e "It's All True". Por que? Jamais foi dada uma resposta concreta. Mas isto é só um caso. Ainda existem outras coisas. Em muitas ocasiões, alegando absurdos, a tesoura da Censura corta as seqüências que irão desagradar a alguém ou a determinada instituição. Às vezes, mutila tanto até tornar irreconhecível a película, desvirtuando-a, acabando por aceitar o que queria combater. E grandes inimigos são também as empresas poderosas que só visam lucros, boicotando, monopolizando, asfixiando o desenvolvimento dos concorrentes alheios aos seus interesses.

Tratando-se de tal assunto, a gente chega ao caso das reprises. "Cidadão Kane" é um filme que poderia ser reprisado. Tanta coisa medíocre é reprisada. A sua representação, é quase certo, seria lucrativa, posto que haja bastante curiosidade por parte dos que não o viram quando foi projetado, sem grande alarde e publicidade, há alguns anos atrás. Mas não o reprisam. Aliás, é bem possível que tenha sido exibido no Brasil, anteriormente, por acaso, por descuido, ou uma "cadeia" jornalística ainda não estivesse bem organizada naquela época, ainda não exercesse a mesma influência de hoje. Afinal de contas, o filme é de combate ao monopólio da imprensa e será difícilimo a gente poder revê-lo. Mais oportunas são as reprises de "Gunga Din" e "Quatro Penas Brancas", em homenagem á soberania colonizadora britânica. E não sei qual a razão, mas o certo é que, em filmes dessa espécie, bândido parece ser o termo exato adotado para definir o homem que luta por liberdade. Como bandidos são apresentados os asiáticos e africanos fanáticos, facinoras nojentos que, no final da fita, invariavelmente, recebem o justo castigo dos punhos vigorosos de um branco comedor de chicletes.

Bem, com todas estas e outras estrepolias, parece-me que o conteúdo tem mais força, levando a sua vantagenzinha sobre a forma. É coisa quase indiscutível. Então, quando ele é apresentado por cineastas de valor, unindo-se ao conteúdo a uma forma vigorosa, nem é bom falar. Tanto é assim que um senhor chamado Charlie Chaplin ou Orson Welles encontram várias dificuldades para realizarem um filme. Entretanto, Henry Hathaway, bom diretor americano diga-se de passagem, vai fazendo esse "Raposa do Deserto", afim de glorificar o "mocinho" Rommel, transformando em verdadeiro herói a figura "magnânima" do general nazista. O filme é bem feitinho, bem conduzido, tem boa cenarização, porém, na Inglaterra, Itália e Estados Unidos, foi vaiado e cinemas apedrejados quando o exibiram. Para o povo que anseia por um mundo melhor parece incompreensível a feitura de tal película. Com que intenção maligna foi realizado "Raposa do Deserto"? perguntaram-se. Desconfiaram de alguma coisa e protestaram, depredando cinemas, vaiando. Acho que as feridas ainda não cicatrizaram o suficiente para permitir que fascistas tão "humanos" tomem conta da tela.

Antônio da Silva Filho

Porto Alegre.



Desenho de Martinho de Haro

## POESIA

### A T A V I S M O

Anibal Nunes Pires

Vivências  
legados ancestrais  
me trazem do remoto  
a aventura  
a lembrança nostálgica  
de estâncias ignotas  
a liberdade  
sugerindo  
espaços sem limites.

O esqueleto  
sob a carne febril  
os preconceitos morais  
a mística religiosa  
a tradição cansada:  
Prisão  
que apenas deixa ver  
aves voando no céu...

## DEDICATION

Walmor Cardoso da Silva

Para teus olhos sempre inquietos  
no verso que te dou converto a imagem  
do dia que vai passando. O sol  
surge no mar e lava teu rosto matinal.

Cheio de sono aguardo a passagem, o som  
de teu andar inédito. Solitário  
o dia me preocupa sèriamente.  
Somos um mesmo som  
a mesma voz me diz e me responde.

Para que eu me lembre sob as rosas  
que vão nascer,  
pelos caminhos sob luas frias,  
pelos sois de verão, sou poeta.

Vem a noite, logo a tua boca origem  
volta e traz palavras  
com mistérios íntimos.

Para teu rosto puro  
traço um desejo que veio comigo  
pelo mar,  
trago um barco e desenhos antigos  
de uma cidade extinta.

Orno teus cabelos agora diferentes  
às vezes côr da lua, às vezes tão meu  
como antigas lendas sôbre o mar.

Paro um momento e te desfaço  
sôbre um jornal anunciando crimes,  
para surgires poema em três estrôfes.

Procurei detalhes para teu corpo  
linha de fuga. O dia inteiro  
consumido em pensamentos.  
Foste assim e depois nos separamos.

Não encontrei sentido algum  
para existires. Recomecei  
teus braços tantas vezes.

Surges, porém, entre desejos nascentes.  
Vou te fazendo em horas vagas  
à semelhança do mar  
anoitecendo interminavelmente.

## GATO PRETO

É noite  
E, na escuridão,  
Um gato preto  
Corre por uma rua.  
E uma chuva fria,  
Outonal,  
Cai, também, na rua.  
Lúgubre, um miado soa no espaço;  
E a chuva fria,  
Com monotonia,  
Continúa caindo,  
Caindo...  
Sempre no mesmo compasso.

Neste mesmo instante,  
Um cortejo fúnebre  
Está saindo de dentro de mim mesmo,  
Para o enterro de minha fantasia.  
O epílogo, afinal,  
De meus anseios e quimeras.

Eu morri um pouco, hoje,  
Nesta vida.  
Já não creio em muita coisa dela.  
Não creio na felicidade;  
Nem, tão pouco, na verdade.  
E penso que o bem e o mal não existem.  
Só sinto a presença soturna,  
E amarga,  
E fria,  
Da realidade.

Lá na rua,  
Novamente,  
Um miado lúgubre soa no espaço.

E a chuva fria,  
Com monotonia,  
Continúa caindo,  
Caindo...  
Sempre no mesmo compasso.

É o fim, afinal,  
De meus anseios e quimeras.



## ESPEREMOS A NOITE

Walmir Ayala

Esperemos a noite, assim, calados,  
eu afogando em teu olhar meus olhos,  
e embriagando meu sonho em teu sorriso...

Esperemos a noite, a vida é agora  
não mais talvez que um coração que chora,  
que um coração que chora por amor.

A vida é agora  
a página talvez dêste poema  
que te pertence...

Vês a angústia dos álamos lá fora ?  
Encosta ao peito meu teu rosto frio,  
e do meu coração antes vasio  
escuta a voz angustiosa e ardente  
como o eco dos álamos...  
vem ! Sente !  
que o meu amor é grande, imenso, puro  
como a própria saudade...

Descansa no meu peito o teu cansaço,  
e o teu pálido anseio deixa preso,  
na fraqueza suave do meu braço...

Porto Alegre.

## A NOITE É MÁ

Mário Mota

Aos poetas Renato Ribeiro e Anibal  
Nunes Pires.

A noite é má  
e há sombras esguias  
que andam com os meus passos !

A noite é má,  
doentia,  
aflitiva  
e o meu visinho do segundo andar  
que passa as noites a tossir  
e a andar de um lado para outro,  
num constante vai-vem,  
a tossir  
e a gritar,  
não tem a minha opinião !

Para êle a noite é o fim  
E êle deseja agora o fim ! ...

Portugal.

## UMA CARTA PARA LONGE

Augusto dos Santos Abranches

Penso no que és, onde estás e no que fazes  
imaginando gesto e palavras  
que eu sei no meu sonho inventadas.

O lugar da tua casa e na casa o teu leito  
lhe marco a posição certa  
como se de verdade longe não fôsse.

O abrir dos olhos pela manhã  
o acordar do sono inacabado  
a lembrança do que ficou perdido  
e a noite solitária mas ainda doendo

— eu a invento chamando o meu nome  
como se realmente a tua bôca o soubesse  
nesse acordar.

Depois — oh, depois  
há o salto na casa

e o correr monótono das horas cansadas  
na tristeza de lá não estar...

Os moleques.

Os filhos.

O pequeno-almoço.

As pessoas chegando, indiscretas,  
com enganos e promessas.

As dúvidas em serem assim  
as coisas

a vida

tudo

E o vazio do dia repetir todos os dias

E se desenrolar como roda sem fim

que tudo esmaga

que esmagasse o sonho

que desfizesse a esperança...

Mas neste longe em que te escrevo, daqui  
onde penso no que és e no que fazes e onde estás,  
apenas sei que teu nome ouço  
desde que na minha bôca o teu nome vi!

Lourenço Marques — Moçambique

## CRESPUSCULAR

Sebastião da Gama

A morta cheira a rosas. As suas mãos ficaram,  
brancas, sôbre a cidade — pombas brancas dormindo...  
A voz do Rei Dinis é um sussurro ao fundo.  
Choro ? Reza ? Descante ? Louvor das que o amaram ?

Recorta-se no escuro, geométrica, a cidade.  
Côr das mãos da Rainha. Serena como elas.  
Aparecem as luzes primeiro que as estrêlas.  
Um vento manso trás o aroma das herdades.

E eis que a cidade tôda é um presépio.  
Ouve-se a tropeada dos camelos,  
o riso dos pastores...

Quem está nascendo ? Que deus ? Que príncipe ? Que  
[poeta ?  
Mãos da Rainha Santa, dai-lhe abrigo:  
Não vá ser um ladrão. Não vá ser um mendigo.

Estremos, (Portugal) dia de São João, 1951.

### 3 POEMAS DE AMOR

Cristovam Pavia

#### DESLUMBRAMENTO

Afinal as tuas lágrimas por mim são as gotas de orvalho  
Na manhã que desponta!...  
E o teu sorriso triste e profundo  
É pôr-me de joelhos e beijar a terra húmida.  
Quase choro de alegria!

#### PEQUENA CANÇÃO

Espero por ti  
Tão cheio de paz  
Que quando vieres  
Te merecerei...

Na encruzilhada  
Do outono e da névoa  
As folhas doiradas  
Perdem-se na névoa...

É doce esta esperança  
Comovida e fresca...  
Mais doce só teu,  
Sorriso à chegada...

Espero por ti  
Em estado de graça...  
Quando vieres  
Te merecerei...

#### V I D A

Por ti amadurecem os frutos  
E caem religiosamente na terra húmida...  
Por ti sorrisos e lágrimas se misturam  
Numa grande significação silenciosa...  
Por ti a visita de Nossa Senhora do Outono...  
Por ti tudo transfigurado...  
E é por ti que o poeta canta:  
— Oh vida cheia!  
— Oh vida minha!

Portugal.

## N O I V O

Rodrigues Marques

Mesmo que as mãos não agarrassem o impossível  
Na hora que o verde do mar cerrou a sepultura  
De algas e conchas;  
Mesmo que a última lembrança não fôsse a dos lírios  
Caídos desiguais no asfalto-equidade  
O feriado requizitaria  
O corpo roxo no último terno branco  
Para a sombra dos ciprestes que gemem e soluçam.

Ali não se ouvirá a voz do nauta  
(Mistura de saudade, vento e peixe);  
Quando muito haverá uma juriti,  
Um minuto por dia assobiando o canto  
Convencional e efêmero.

Mesmo depois dos vocábulos ficarem  
Simples azas quebradas  
Um dia alguém irá sôbre o jazigo frio  
Rasgar um dicionário com tôdas as palavras  
— As que êle disse à amada e as que jamais ouviu.

Rio.

## ANCESTRALIDADE

Nataniél Dantas

Antes que as estrélas espiassem a terra,  
Antes das origens dos ventos,  
Antes que a paisagem refletisse nas águas mansas,  
O pensamento impregnava sem forma preconcebida  
E levitava sôbre as coisas acoradas em seus segrêdos.  
Antes mesmo que dos olhos partissem os indícios do pranto  
E das bôcas as chamas da blasfêmia,  
Já era uma forma sem sentido no absoluto.  
Antes que as águas preenchessem o seio das concavidades  
E que o solo se criasse em função contrária às superfícies lí-  
[quidas,  
Antes que a morte fôsse uma franja da vida mergulhada no  
[Ignoto,  
A minha bôca e os meus olhos eram o núcleo de todo amor  
E do pensamento silencioso no meio do vazio.  
Antes dos dias e das noites,  
Da música, dos pássaros, das ondas e das plantas marinhas.  
Já era o amor que me tecia dentro das sombras, sem a luz  
[febril dos astros perdidos do espaço.

Rio.

"P A R E N T E S I S"

Carlos Banks

Si me dicen que fué un día como cualquiera,  
dire que es mentira.  
Porque el sol no mira  
al atardecer como miró aquel día.  
Allí estaba la roca cansada de frío,  
recostada sobre el caballete del tiempo,  
cortado el viento  
con su filoso hastío.  
Allí estaba esperando la esfingie de tu cuerpo,  
tu le diste el calor de tu carne,  
ofreciéndome tu boca sin mirarme,  
puesta de perfil al tiempo.  
Bebí en ella un largo camino  
sin saber si era el mío,  
y en un dulce calor de escalofrío,  
cumplió un capricho el destino.  
luego miré tus ojos sin verlos  
porque un nubarrón de pasiones,  
de languidas, murientes variaciones,  
viajaban con rumbo al eterno...  
Miré al mar y no estaba allí;  
las olas habían dejado de rodar,  
habían callado su eterno murmurar,  
para que todos los días no fueran así.

Por eso si me disen que fué un día como cualquiera  
diré que es mentira...  
porque el son no mira  
como nos vió aquel día.

.....  
La roca ya no estará con tanto frío,  
ya tiene el caliente perfil de tu cuerpo  
con que cortar el viento...  
en su eterno y solitario hastio.

Montevideo, 21-6-1948.



**TEATRO**

**O FAMOSO "TEATRO BRASILEIRO DE COMÉDIA"**



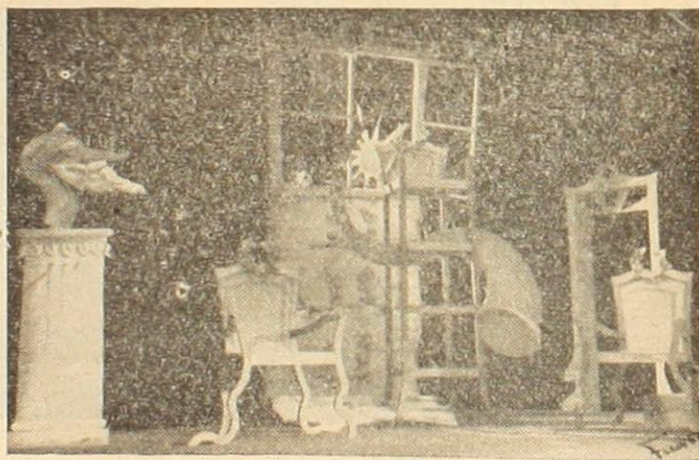
Uma cena de "Ralé", de Gorki, com Ziembinski e Elizabeth

Em notas anteriores — publicadas nesta revista — trouxemos ao conhecimento dos leitores, duas das três realizações do moderno teatro paulista: a Escola de Arte Dramática, pioneira no Brasil dos cursos especializados para a formação de atores e técnicos da ribalta, e a Sociedade Paulista de Teatro, que, enfrentando uma série de dificuldades procura levar ao povo, e o tem conseguido, o bom espetáculo teatral a preço de cinema.

Não pretendíamos, ao escrever a primeira nota — sobre a E. A. D. — e a segunda — destacando o S. P. T. — dar aos que nos leem um panorama do que se faz em São Paulo a respeito de teatro, tão somente era nossa intenção difundir entidades que por merecimento, exemplo e idealismo, trabalham pelo engrandecimento do palco brasileiro.

Entretanto, relendo nossos trabalhos anteriores, chegamos à conclusão que para um apanhado geral do atual teatro de S. Paulo, no que ele possui de mais representativo, só nos restaria falar do Teatro Brasileiro de Comédia, e desconhecendo-o, nesta já série de artiguetes, poderia não indicar isenção de ânimo de nossa parte com a referida companhia.

Realmente, muito pensamos, antes de escrever o presente artigo, pois fazemos graves restrições à entidade citada, que, entretanto, paradoxalmente consideramos o primeiro teatro, não só de S. Paulo, mas de todo o Brasil. Seu elenco é soberbo, seus técnicos quase perfeitos, enfim, dentro da "arte pela arte"; poucas falhas poderiam ser apontadas contra as representações do grupo da rua Major Diogo. Acreditamos mesmo, serem eles os únicos desta terra brasileira, que podem ser equiparados ao alto nível alcançado pelos melhores conjuntos internacionais que nos visitaram ultimamente. Demonstração inequívoca dessa acertiva, está quando da temporada da Companhia Italiana, onde a simultaneidade das representações de "Seis Personagens em Busca de um Autor", de Pirandello, pelos brasileiros da T. B. C. e pelos italianos da C. I., o sabor da competição esteve pre-



Cenário de Sérgio Cardoso para "O Inventor do Cavalo",  
de Campanile

sente. Nesse teste se algum dos conjuntos obteve vantagem, estas foram para os de casa. Essa é a opinião de muitos e também a nossa, convindo salientar, desgarrada de qualquer nacionalismo tolo, o que seria idiota. Chamamos a atenção, ainda, que a "Seis Personagens", dirigida por Adolfo Celi, no TBC é considerada unanimemente, pela crítica, como a maior realização teatral já efetuada em São Paulo, talvez no Brasil.

O repertório do TBC conta com grandes textos assinados por Pirandello, Tchecov, Sartre, Gorki, Goldoni, O'Neill e muitos outros internacionalmente famosos, e ainda os brasileiros Silveira Sampaio, Abílio Pereira de Almeida, Lourival Gomes Machado, Cló Prado, Lúcia Benedetti, Edgar da Rocha Miranda.

Outra contribuição do TBC à ribalta nacional, foi a "importação" de valorosos diretores de teatro europeu como Adolfo Celi, Luciano Salce, Flaminio Bollini e Ruggero Jacobbi, justiça seja feita, ainda que haja quem discorde, grandes benefícios trouxeram aos nossos palcos. Ziembinski que há muito se encontra no Brasil também pertence ao elenco do TBC dirigindo e representando.

Entre cenógrafos e figurinistas encontramos os seguintes artistas: Aldo Calvo, Bassaro Vaccarini, Clóvis Graciano, Hilde Weber, Noemia Cavalcanti e Sofia Lebre de Assumpção, nomes que dispensam apresentação.

Se há o mal do "estrelismo" (quando falamos em "estrelismo" em teatro êle não só abrange os atores e sim atores e diretores) no TBC não é generalizado, visto que artistas categorizados como Sérgio Cardoso, Paulo Autran, Célia Biar e outros já desempenharam os chamados papéis de 2º e até "pontas". No TBC mesmos as "pontas" são entregues a verdadeiros artistas, diferindo em muito do que se faz nas companhias de Procópio, Bibi, Palmerim, Alda Garrido e outros, inclusive o ressuscitado Jayme Costa d'"A morte do caixeiro viajante".

A favor do TBC ainda temos o "Teatro das 2ª. feiras", representações de peças de vanguarda pouco comerciais, dando ensejo a parte do nosso público apreciar trabalhos dificilmente representáveis por elencos profissionais, como "O homem da Flôr na boca" de Pirandello, "Um pedido de casamento" de A. Tchecov, "O inventor do cavalo" de Campanile, "Rachel" de Lourival Gomes Machado, "Poil de Carrote" (Pega-fogo) de J. Renard e outras que, se conhecemos, são graças a essa feliz iniciativa.

Agora as restrições...

Consideramos o teatro uma escola e uma tribuna, dirigidas às massas populares e não mera diversão de granfinos. Escola da inteligência, porque faz o povo pensar, tribuna que divulga mensagens artísticas, culturais e sociais. O teatro, assim como o cinema, são artes que mais de perto falam ao espírito humano. Justamente considerando a necessidade de maior aceitação do teatro pelo homem, é que surgem as nossas restrições à granfiníssima casa de espetáculos da rua Major Diogo. Êle espanta o povo que tem praticamente vedada a sua entrada no Teatro Brasileiro de Comédia, pela exorbitância dos preços do ingresso: Cr\$ 66,00 por cabeça, é barragem, obstáculo às carteiras menos recheadas. O absurdo chegou ao máximo quando alguém do TBC iluminou-se com a infelíssima idéia de encenar a canastroníssima peça de Dumas Filho "A Dama das Camélias", onde temas sociais superados por muitas gerações fez milhares de nossos burgueses da era cocacolíana exultarem: "Que grande peça"! Muitos mapas foram desenhados com lágrimas nas "maquilagens" das madames de alto coturno: "Que peça maravilhosa!!! Vocês viram a Ca-

cilda Becker! ? Que amor que ela estava!!!” Lencinhos e suspiros. Coisa muito fina, bastante chique...

**E TUDO ISSO, AO ASTRONÔMICO PREÇO DE CENTO E CINCOENTA CRUZEIROS!** Que desperdício de tempo e de valores! Um país pobre de teatros, como é o nosso caso, não pode perder tempo com “Damas das Camélias”, enquanto alguns trabalhos de maior valor, outros de maior atualidade, aguardam vaga na longa fila de espera.

Esta mesma revista (nº. 15) publicou uma crítica literária de S. M. (Problemas de Cinema). Neste artigo de S. M. que faz inteligentes considerações em torno de um livro de Roberto Nobre (“Horizontes de Cinema”), encontramos do autor criticado, algumas transcrições interessantíssimas, notadamente o trecho que subdivide o público cinematográfico em cinéfilos, cineastas e cine-asnos. Perfeito, concordamos. No teatro a coisa é igual:

### Teatróficis, teatrólogos e teatro-asnos.

Quem paga 150,00 cruzeiros para assistir um espetáculo teatral de 2ª categoria, é fácil de catalogar-se, (e isso deixamos ao critério do leitor) numa dessas divisões que a leitura de um trecho do livro de Roberto Nobre nos sugeriu adaptar ao espectador de teatro. Infelizmente o público que ocorre às bilheterias do teatrinho da rua Major Diogo é um dos facilmente catalogáveis.

Ali encontramos os tipos que o autor de “Horizontes de Cinema” retratou com fidelidade: os homens com seu “dandismo pires”, e as “meninas dengosas” (nem sempre são “meninas”) com suas “pelicas que atravancam a coxa quando elas passam”. Tudo pura pavoneação: da platéia para a platéia. Gente que vai do teatro à buate. Do “Couvert” aos pratos mais substanciais... É o mesmo grupo irritante que ri na hora indevida. São os que não compreendem a tragédia da comédia. São os que classificam Chaplin como um sujeito gozado.

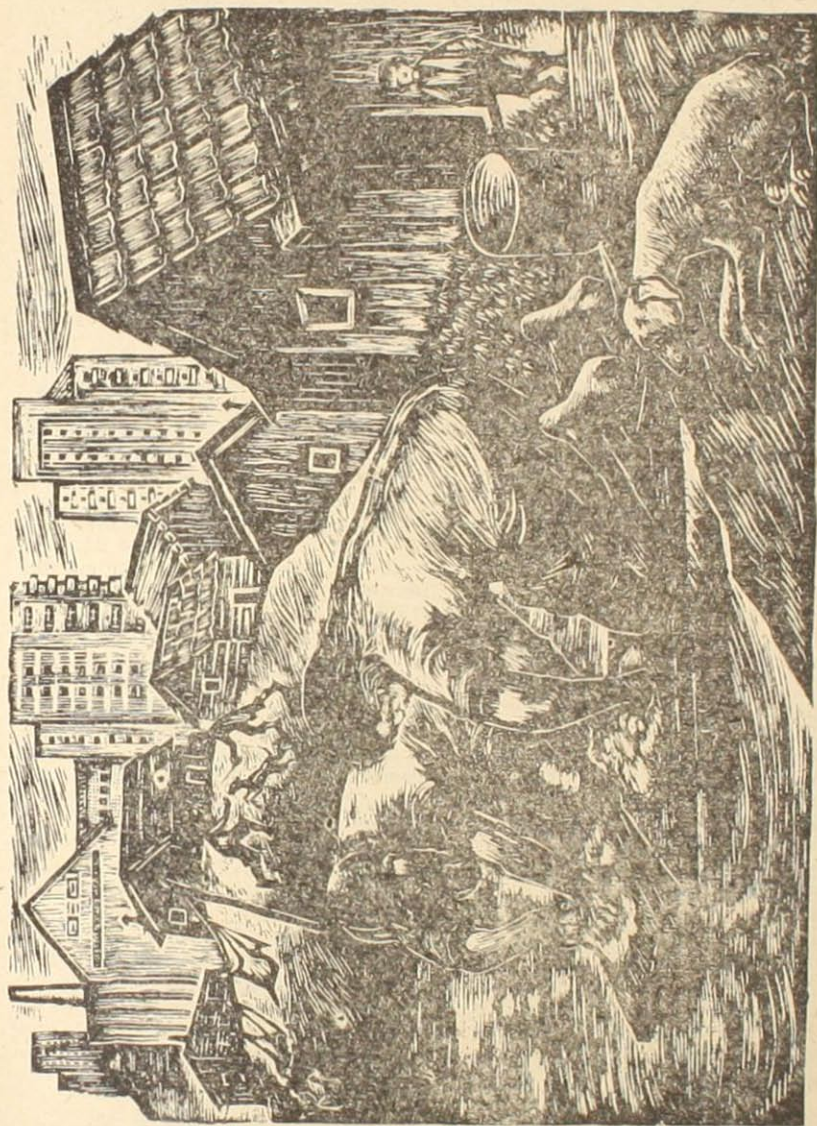
Assim é o T. B. C., um bom teatro à vêzes, mas restrito a meia dúzia de esnobes que se repetem e se revesam na platéia. Não há “mistura”, só gente “chique”, salvo honrosas exceções...

Sabemos que toda repetição é fastidiosa, mas encerrando estas considerações, onde apontamos o que nos pareceu bom e ruim no Teatro Brasileiro de Comédia, não conseguimos reprimir o desejo de transcrever mais uma vez as palavras da atriz Madalena Nicol:

**“O teatro não pode e não deve ser um prazer exclusivo dos privilegiados da fortuna e sim um meio de recreação sadia e instrução para todos, indiscriminadamente”.**

Ruy Brand Correa

São Paulo.



Lavadeiras do rio — Linoleogravura de E. Koetz

## NOTAS & COMENTARIOS

### "VELHICE E OUTROS CONTOS" E A CRÍTICA

Salim Miguel — Velhice e outros contos — Edições SUL  
— Florianópolis, 1951.

O que mais chama a atenção nesse livro de Salim Miguel, um "novo" de Santa Catarina, integrante do inteligente grupo da revista SUL, é o estilo: um estilo muito pessoal, em que os velhos canones foram abolidos, dando ao leitor surpresas a cada momento e interessando-o grandemente na leitura do livro.

A arquitetura dos contos também merece registro especial.

Salim Miguel não adota a clássica forma maupassantiana da história curta, nem tão pouco se prende às linhas traçadas por Tchecov e Katherine Mansfield. Seus contos são antes espetáculos em que cada cena tem individualidade; os personagens aproximam-se por fios misteriosos do subconsciente, e por isso mesmo, em todos os momentos, vivem várias vidas, que se entrosam sem se superpôr.

É o que se nota, por exemplo, em "Carnaval; casos de Espiridão", em "Alvina, essa minha noiva", em "Velhice", a história que dá título ao livro. Na verdade, em cada um desses contos não há apenas um enredo: não há, às vezes, nem sequer enredo, pois quase sempre ficam inacabadas as histórias. A técnica usada pelo autor é engenhosa: em "Carnaval; casos de Espiridão", por exemplo, o personagem é levado a assistir a um desfile carnavalesco e enquanto assim faz surgem mil fatos diferentes, pedaços de vida dos transeuntes, dos participantes do curso, do próprio personagem, do companheiro que o induz a presenciar o desfile... No final, o leitor fica sem saber em que consistiu, realmente, a história; mas fica, por outro lado, com uma visão nítida de dezenas de seres humanos, de dezenas de dramas íntimos, de inúmeros problemas que, desdobrados, ou cada um deles estudados separadamente, dariam outros contos.

Igual fato se verifica nos demais contos de Salim Miguel. Em "Alvina, essa minha noiva", há um desdobramento proustiano de assuntos: enquanto a maníaca vai contando ao estudante de medicina os seus males imaginários, o personagem do conto, por associação de idéias, provocada por algumas palavras ouvidas da conversa, reconstitui a história que deveria escrever (o personagem é escritor), história de que, por isso mesmo, só nos aparecem quadros isolados.

O livro do Sr. Salim Miguel possui, assim, esse grande mérito de ser um livro diferente. É uma obra que, como os contos de Dalton Trevisan, está fadada a ocupar lugar de destaque na moderna literatura brasileira.

F. M.

(Revista "CLÁ" nº. 12, fevereiro de 1952 — Fortaleza — Ceará)

Prosseguindo no seu movimento editorial, depois de haver lançado "Idade 21", poemas de Walmor Cardoso da Silva e "Velhice e outros contos", de Salim Miguel, as "Edições" e os "Cadernos" SUL se prepararam, respectivamente, para dar à publicidade mais duas edições, continuando assim no caminho que se traçaram.

Trata-se de: "TERRA FRACA" — poemas de Anibal Nunes Pires e "A PONTE", coletânea dos trabalhos em prosa e verso deixados por Antônio Paladino. Ambos estes trabalhos, de dois elementos de destaque nos novos meios intelectuais catarinenses, deverão aparecer ainda no decorrer do corrente ano, sendo que o terceiro lançamento programado "PIÁ", contos de Guido Wilmar Sassi, possivelmente só aparecerá em meados de 1953.

De Anibal Nunes Pires e Guido Wilmar Sassi muito ainda há que esperar; suas estréias estamos certos de que significarão bastante no movimento dos novos autores brasileiros. Antônio Paladino, uma das mais promissoras figuras de poeta e ficcionista de Santa Catarina, prematuramente falecido, contando menos de 25 anos, terá agora parte de seus trabalhos enfeixados em volume, como última homenagem da turma de "SUL" à qual êle tanto auxiliou e onde tão bem se sentia. Mas não é só isto; temos certeza de que os trabalhos reunidos em "A PONTE", mostrarão uma personalidade vigorosa, um elemento mais que promissor, um escritor de pulso e do qual muito era de se esperar. Por isto chamamos a atenção de nossos leitores e amigos para êste próximo lançamento de "SUL".

SALIM MIGUEL

## VELHICE

e outros contos



EDIÇÕES SUL | FLORENÓPOLIS

Walmor Cardoso da Silva

## Idade 21

— poemas —

CADERNOS SUL

## SHAW EM PORTUGUÊS

É sempre interessante para nós quando vemos publicadas em nossa língua obras de sucesso na literatura mundial. Principalmente nas províncias, onde a dificuldade é enorme para adquiri-las no original, as traduções têm um valor incalculável. Em geral, há no Brasil uma despreocupação muito grande pelas boas traduções. Atualmente, no entanto, várias editoras tomaram iniciativas elogiáveis, vertendo para a nossa língua, por intermédio de destacados nomes de nossos escritores, destacados nomes da literatura estrangeira. Desse modo, as traduções de Voltaire, Balzac, Maupassant e Proust pela Editora Globo; as de Dostoievsky pela Editora José Olímpio, etc.

A surpresa maior causou-nos, porém, a Melhoramentos com a tradução das obras do dramaturgo irlandês George Bernard Shaw. Discutido escritor contemporâneo, de fama mundial, "homem de sete celebridades", conforme ele próprio dizia, era uma curiosidade e um desejo dos olhos provincianos, sempre ávidos de ler. E a Melhoramentos os satisfaz da melhor forma possível, com ótimas traduções à preços acessíveis. Assim foram saindo para o sucesso, no Brasil, "Cesar e Cleópatra", "Major Bárbara", "Casa de Orates", "Homem e Super-Homem", "O homem e as Armas", "Santa Joana", "Pigmalião" e o "Discípulo do Diabo", em traduções de Miroel da Silveira, Nelson Werneck de Castro, Raimundo Magalhães Júnior, Dinah de Queirós e Vivaldo Coaracy.

Que a Melhoramentos continue neste empreendimento, é o que desejamos e, temos certeza, o que desejam os leitores brasileiros. Poderia, inclusive — e o que não deixaria de ser interessante, juntar aos volumes publicados, ou a publicar, um exclusivamente de peças em 1 ato do grande dramaturgo.

No mais, os nossos parabens.

J. P. S. S.

### Artista EDGAR KOETZ

Pintor, gravador, ilustrador, planejador gráfico, tendo trabalhado por diversos anos na Argentina onde a arte gráfica já se encontra bem adiantada, Edgar Koetz é uma das nossas figuras de artista mais em evidência. Ainda jovem, já tem um nome firmado. Em fins de 1951 conseguiu, no salão da Associação Francisco Lisboa, de Porto Alegre, a medalha de ouro pelo conjunto de obra. E sua obra, além do valor plástico em si, se destaca pelo seu forte conteúdo humano, pelo seu poder de compreensão, de comunicação, de captação do que há de vida no simples e cotidiano.

Koetz é um bom amigo nosso. Ainda agora, em meados de abril, tivemos-lo entre nós. Vindo em rápida visita aos filhos, nem assim deixou de nos procurar.

Com ele discutimos problemas de arte, com ele aprendemos, com ele fomos a casa do nosso comum amigo Martinho de Haro, que ultima sua exposição ver os últimos quadros do artista catarinense, e depois, juntos, continuamos noite a fora a conversar, enquanto saboreávamos um suculento churrasco.

E nós é sumamente grato dar aqui a opinião de um especializado no assunto sobre a parte material de "Sul". Em diversas ocasiões, durante a conversa, Koetz teve oportunidade de se referir à revista.



Em síntese, a respeito de nosso número anterior, o 15, assim se manifestou: — Já é um número que, falando sob o aspecto gráfico, muito honra quem o faz. Já deixa longe, como apresentação e distribuição de matéria, como paginação, pela clareza e uniformidade das páginas, o número 14. Lógico que ainda possui erros palpáveis, visíveis a um simples passar de olhos. Clichê e papel, por exemplo, são materiais que devem ser escolhidos antecipadamente, para que se possa conseguir uma coisa melhor. Aqui, como vocês dizem, tudo feito ao sabor das circunstâncias, na relativa pobreza dos meios locais, não poderia ser de outra forma. Mas isto, estas imperfeições, são compreensíveis, e creio mesmo pouco mais do que o feito neste número 15 se poderá conseguir em matéria de apresentação. Considero-a, outrossim, uma das melhores publicações do gênero, no país".

Um dos fundadores do Clube de Gravura de Porto Alegre, Koetz, que agora se encontra radicado em São Paulo, emprestando seus conhecimentos profissionais de ilustrador a uma empresa jornalística que lançou seu órgão na capital bandeirante, já está entrosado no movimento dos artistas plásticos de São Paulo. E, aproveitando a estada lá de Carlos Scliar tratou, de, juntamente com outros interessados, organizar um clube da gravura na capital paulista.

De sua visita deixou-nos duas linoleogravuras, sendo que uma delas, "Lavadeiras do rio", feita com aquela técnica tão característica e pessoal, vai reproduzida nesta "SUL".

S. M.

### Escritor MARQUES REBELO

É sempre motivo de mais profunda satisfação para nós, insulanos e insulados, a visita de artistas e escritores de fóra. E quando este escritor é o amigo de anos Marques Rebêlo, nem se fala. São dias, os em que ele passa aqui, de efervescência, de comunicação, de bons bate-papos. Marques fala, comenta, ri, conta de sua viagens e das experiências colhidas nos países da "estranja" e, malicioso, malévolo, critica todos, amigos e inimigos. Sabe sempre as últimas histórias, tem resposta pronta e conhece os derradeiros ditos de espírito — quando não, ele mesmo com a imaginação fabulosa de que é dotado, os inventa. E diz, meneando a cabeça com aquêlo gesto todo especial e rindo muito, um riso assim, he-he-he:

— "Boazinha, heim!"

Tivemo-lo aqui em abril. Veio para reinaugurar o Museu de Arte Moderna de Florianópolis — agora em suas novas instalações e sob a direção do grupo liderado pelo senhor Sálvio de Oliveira.

Da estada entre nós do autor de "A Estrêla Sobe" aproveitou-se o Sr. Des. H. Fontes, que o convidou para realizar uma palestra sobre L. da Vinci, por motivo da passagem do 5º centenário do gênio Florentino.

A palestra, realizada dia 17 no salão de conferência da Casa de Santa Catarina, contou com boa assistência, que compareceu para ouvir a palavra sempre interessante do autor de "Cenas da Vida Brasileira".

Analisando, criticando, explicando, Marques conseguiu manter sempre o interesse dos presentes. E embora possamos não concordar algumas vezes com a interpretação de Marques no referente à vida e obra de L. da Vinci, inegável que ele, em muitos aspectos foi sumamente feliz. Quer dissecando a frase célebre de Leonardo da Vinci "arte é coisa mental", quer apresentando sua opinião sobre o "Trata-

do de Pintura" quer, baseado em Freud, falando no complexo de frustração, sempre é de uma maneira assaz pessoal que Marques disserta.

Impossível se torna falarmos deste nosso amigo, para quem não tenha tido contacto pessoal com êle. A maneira tãda especial de Marques exige que se o conheça. Porque nele, significa muito, além da importância do que diz, das idéias expendidas, a gesticulação, a mímica, o modo como são pronunciadas as palavras, a entonação especial dada a determinados vocábulos e que lhes dão uma força tãda própria. Falar com Marques, conversar com êle, passar horas vendo-o falar é uma alegria para o espirito e uma satisfação, alívio, para o... fígado. Ao mesmo tempo que "fala sério", de repente deixa explodir sua "verve esfusante", sai com as "boutades" mais irreverentes. Considerado o malidescendente número um da literatura brasileira, suas tiradas são célebres e incontáveis. Fazem época. Bastaria aqui citar aquela resposta à pergunta de um repórter nordestino, feita a respeito de quais os dez melhores romancistas brasileiros atuais. E Marques com a maior calma: "— Que dez! Se só existem dois: Eu e Graciliano Ramos!"

O pai de "Oscarina" de novo vai as "Oropas". Felicidades. E que não se esqueça da gente. Aqui ficamos torcendo por nova visita. Que assim virá nos trazer um pouco de ar, pobres habitantes que somos da ilha dos casos (ou ocasos) raros.

S. M.

## CONVERSA DO DIA

### FLORIANÓPOLIS MELHORA

Essa história de se dizer que de hora em hora Deus melhora não merece muito crédito não. Há coisas que só melhoram semanal, mensal ou anualmente, havendo outras que não melhoram nunca.

Mas Florianópolis melhorou nestes dois anos em que lá não ia solicitado por outros quadrantes. Três pontos, pelo menos, marcam o seu progresso: a luz, o Hotel Lux (que é luz em latim) e o Museu de Arte Moderna, fundado por êste seu criado em 1948, mas que só agora inaugurou a sede própria e condigna e não foi por outro motivo que me bati para já.

A luz era uma vergonha! Quem perdesse uma abobora no meio da rua, ficava sem ela. E como buraco na rua é uma coisa que acontece, até mesmo numa cidade que tem um dinamo como prefeito, como é o caso do Rio de Janeiro, os acidentes poderiam até ser fatais nas ruas de Florianópolis se o povo não fosse congênitamente esperto. E uma das suas espertezas era viver como uma nova espécie de vagalume. Só que os vagalumes verdadeiros usam a luz no rabinho e os florianopolitanos usavam a luzinha na mão — lanterninha de pilha, frequentemente fracativa — para poder acertar com o caminho de casa, porque afinal ir de noite dar uma olhada na praça é um vício que tem raízes extraordinárias e que não há de ser falta de luz que vá impedir.

Agora tem luz decente, que permite a leitura, embora proíba o namoro. Mas como é preceito altamente moral êsse de viver às claras, está tudo muito bem. E além de leitura e moral, o simpático habitante da ilha já se pode dar ao luxo sempre sonhado de ter rádio sem pilha, geladeira, batadeira, enceradeira e liquidificador, embora não haja muita fruta para liquifazer.

A outra melhoria é o Hotel Lux, que tem quartos de hotel, corredores de hotel, banheiros de hotel, porteiros de hotel, bar de hotel, assuntos bastante característicos mas que muito hotel não dispõe. E é principalmente, um edifício em que o hóspede pode dormir sossegado, pois encimando os seus seis andares — que olham Florianópolis com uma superioridade de arranha-céu, que só reparte com o novo edifício do IPASE — há uma luz vermelha, vigilante como farol, que avisa os aviões noturnos da existência do colosso. Os aviões e possivelmente a lua, que bem pode uma noite vir distraída pelas alturas.

Quanto ao Museu que é a terceira melhoria, fica para a conversa de amanhã.

**Marques Rebêlo**

(De Última Hora). — Rio, 24-4-952.

### **Poeta SEBASTIÃO DA GAMA**

De Portugal nos chega a contrastadora notícia do falecimento do poeta Sebastião Artur Cardoso da Gama. Jovem ainda, pois não completara 28 anos, nascido que fôra em 10 de abril de 1924, autor de três bons livros de poesia, com um estilo todo próprio, sempre trabalhando, pesquisando, era uma figura característica das novas gerações de poetas portugueses. Aos 14 anos partiu de onde nasceu, Vila Nogueira de Azeitão, para Portinho de Arrábida, onde cursou o 5º e 6º ano de liceu como aluno voluntário. Como voluntário também licenciou-se em Filosofia Romântica na Faculdade de Letras de Lisboa, defendendo tese a 11 de julho de 1947 com a classificação de 17 valores. Em 1947-48 exerceu as funções de professor provisório na Escola Industrial e Comercial de Setubal. A 11 de janeiro de 1949 começou seu estágio na Escola Comercial de Veiga Beirão em Lisboa, fazendo exame de estado em junho de 1950 obtendo classificação de 18 valores. Em outubro desse ano foi nomeado professor efetivo da Escola Comercial e Industrial de Estremos. Nesta época tinha 26 anos e era o professor efetivo mais novo de Portugal. A 4 de maio de 1951 casava-se com a Exma. Senhora Dona Joana Luiza da Gama, indo morar no Estremos. E a 7 de fevereiro de 1952, repentinamente, faleceu.

Seus livros ("Serra-Mãe — 1945; "Cabo da Boa Esperança" — 1947 e "Campo Aberto" — 1951), são todos êles característicos da maneira de ser do poeta, dão bem uma visão do seu valor artístico.

Um lírico, profundamente interessado no homem e no seu destino, um eterno enamorado da beleza, enfim um artista que sabia bem jogar com as palavras e delas tirar efeitos surpreendentes. Eterno insatisfeito, pode-se ver por êstes três livros que Sebastião da Gama nunca estacionava. Mesmo com descobertas estilísticas felizes, prosseguia, ainda quando poderia muito bem ficar no já conseguido, procurar apenas aperfeiçoar o já conseguido. Às vêzes até, em trabalhos posteriores, suas soluções não eram tão felizes. Mas isto não lhes tirava o valor, pelo contrário. Pois a nosso ver a razão primordial de ser da obra de arte é a insatisfação, a busca perene de novos caminhos.

Agora, por correspondência recebida de sua espôsa, nos chega a notícia da morte, imprevisível, do poeta. "Uma dôr de cabeça sem importância, resultou numa meningite que no-lo levou em dois dias. Faleceu no dia sete de fevereiro". E assim, com esta rapidez espantosa e atordoante, com rapidez estranha, imprevisível da morte que não escolhe nem avisa, que lança seu bote buscando de preferência

os mais bem aquinhoados e necessários, foi ceifada a vida de um dos melhores e mais promissores poetas moços de Portugal. Dêle, de seu próximo livro de poesia em preparo e que deverá aparecer breve, estando a ser ultimado por sua espôsa, é o soneto "CREPUSCULAR" que damos em outra parte da revista. Também dêle a carta que, pouco antes de sua morte, remetera ao nosso redator Salim Miguel, a propósito do livro de estréia "Velhice e outros Contos", e que igualmente damos neste número.

## C A R T A

Do poeta português Sebastião da Gama, recebeu o nosso redator Salim Miguel, a propósito de seu livro de estréia "Velhice e outros Contos", a seguinte carta:

Arrábida, 30 de novembro de 1951.

Salim, meu amigo:

Deixe-me chamar-lhe amigo, que eu li o seu livro. Que riquíssima estréia, se é estréia, Salim! **Chegam-se** os tipos, **nada sai** falho, forçado, formal, dá mesmo do que você imaginou. O clima **corresponde** à expectativa.

Pois é o clima. O conto, para mim, é mais clima que narrativa. E você levanta-o, as figuras saem dele. Dos melhores contos que tenho lido — "Alvina, essa minha noiva" e "Mêdo". Nem me diga do seu banco de camioneta que a mulher de trás abafa "Alvina". Vencem as duas, Salim.

Mas a "Velhice" (1, 2, 3) tão estranho quanto você quis, é tão bom como "Alvina" e o "Mêdo". E o "Jantar em Família" é seu da mesma maneira. Gosto de "História Banal" e hei de ler outra vez o "Espiridião...": aí ou não entendi (por isto lerei de novo brevemente) ou não gostei mesmo.

Vou ler mais uma vez — há de acontecer muito. Assim se convive. Como conviver consigo de outros modo? A não ser que me escreva...

Mando neste correio os meus três livros. Eles o informarão de mim, mas sabe já pelo menos onde moro.

Abraços e saudades.

(Os abraços são também para João, êsse noivo da Alvina...).

Sebastião da Gama

Arrábida — Azeitão — Portugal.

## CARLOS BANKS — POETA Y EXPRESIÓN DEL PARAGUAY

Banks, nació en la ciudad de Luque (República del Paraguay) el 19 diciembre de 1921. Para hacer una pequeña biografía bastaría con agregar que casi toda su vida la pasó en Asunción; que se educó en el Colegio Alemán y que su infancia fué como la de todos los niños de su país. Para muchos ya sería suficiente para conocer a Carlos Banks; pero para mí y para todos aquellos que nos deslumbramos con la Poesía, necesitamos saber más, queremos la trayectoria de su vida y sus versos. No importa el almanaque, importa saber que él nutrió sus sentimientos y su espíritu en la grandeza de los campos abiertos, que la noche en que nació había un cielo estrellado y que entre el perfume de los naranjos, se extendió también el acre olor de la pólvora saturando sus pulmones del mal oxígeno de la guerra. Más tar-

de las luchas políticas del Paraguay, envolvieron también a Banks en su fragor; y así fué que en 1947 fué hecho prisionero y conoció en su carne la dureza de la cárcel junto a tantos otros hombres que habían aventurado sus pasos por el camino de la democracia.

Un día, por uno de los tantos caminos de América, llegó a Montevideo con la esperanza de recomfortar su espíritu; y con sus anhelos siempre puestos en su patria, hay trabaja en esta tierra que lo acogió, mientras prepara un libro de poesía que es como una estrella desprendida del cielo paraguayo.

Desde niño, Banks cumplí su trayectoria de poeta. El no creía serlo, aún duda del valor de su trabajo; pero él puede dudar, porque muchas veces cuesta encontrar en nosotros mismos, la grandeza que vemos en otros; el duda de que sus versos sean auténtica poesía; pero quién lleva como él encendida, la llama de la desventura de su patria, quién lleva como él, una alma cargada de ensueños, quién eternamente buscando en lo más recóndito de la vida, un camino, una espina a un pensamiento, tiene que ser poeta.

No interesan las definiciones exactas. No definamos poeta ni poesía. Tomemos esa luz que nos toca tan en lo íntimo; y busquemos nosotros en cada poesía, esa fibra tan dolorosa y oculta de cada hombre o de cada mujer que se llaman poetas. Así hay que hurgarlo a Carlos Banks para encontrar en él toda la claridad, la vibración; la larga espera que nunca se cumple o lo que se dió un día; pero que la espera, ya no volverá a ser.

Matilde D'Espaux

Montevideo — Uruguay.

## 5º CENTENÁRIO DE LEONARDO DA VINCI

A quinze de abril festejou-se o meio milenário de Leonardo da Vinci. Em tôdas as partes do mundo aqueles que amam a arte, que dão a ela seu valor real, que não a encaram como passatempo mais ou menos agradável, que não vêem nela simplesmente um meio de parecer "bem", prestaram ao gênio de Da Vinci uma homenagem sincera.

Nesta breve nota vai também nossa contribuição aos festejos em honra de Leonardo da Vinci. Fôssem outras as nossas possibilidades e mais fariamos no sentido de maior divulgação da obra e da vida de Leonardo. Sabemos no entanto que outras revistas, entre elas "Fundamentos" de São Paulo, dedicarão um número à data. Só nos resta aplaudir a iniciativa e esperar que essas publicações destaquem as facetas mais do que nunca atuais do gênio davinciano: sua constante insatisfação, sempre em busca de novos meios de expressão; a eterna perseguição de uma perfeita solução dos temas; sua curiosidade científica (que longe de lhe prejudicar a obra se transformava em mais uma arma para a beleza e veracidade de suas figuras), e, principalmente, o horror que êle, como todo artista, como todo ser humano dotado de sensibilidade, tinha à guerra. Embora Da Vinci, envolvido por vêzes nas tramas guerreiras de um mundo feudal em desagregação, tenha usado sua inteligência para criar armas, devemos notar que isso representou uma excessão em sua atividade criadora e não sua linha de conduta. Num balanço cuidadoso veremos que o verdadeiro Da Vinci é o que amava a vida e através de sua arte a elevava e dignificava, é o Da Vinci que chamava a guerra de "bestialíssima pazzia". Esse Leonardo da Vinci é muito chegado aos artistas de hoje em dia.

E. M.

## VITOR HUGO

Comemora-se o 150º aniversário de nascimento de Vitor Hugo. Este grande escritor do século XIX, figura proeminente da escola romântica, se destacou pelo seu entranhado amor à liberdade, seus sonhos de progresso e fraternidade entre os povos. Utopista? Sim. Mas utopista na maneira de chegar à consecução de seus ideais, não pelos ideais. No entanto Hugo é nossa herança, porque só nós podemos prosseguir de maneira consequente a conquista daquilo por que lutou. Intérprete dos ideais da Revolução Francêsa, quando a burguesia já considerava incômodos êsses ideais, procurou em sua obra fazer sentidos e presentes os princípios de Igualdade e Fraternidade que foram ventilados pelos homens de 1789 e que logo se tornaram pêso-morto para os que fizeram da caça ao lucro seu unico e legítimo ideal. Vitor Hugo acreditava que a revolução se fizera uma vez por tôdas e que não havia perspectiva revolucionária fora da Declaração dos Direitos do Homem. Foi demagogo, mas, como diz Pierre Albouy, "Mas sincero, sim, e sobretudo honesto".

Curioso, êsse herdeiro dos ideais de 89, gritou tão alto seus princípios de liberdade, paz e progresso, numa época em que a classe dominante já se mantinha através do amordaçamento da liberdade e pela guerra, que a França dos banqueiros acabou não sabendo o que fazer com seu poeta oficial.

"Ora, não sabendo o que fazer de Hugo, a burguesia o relegou à escola primária e reduziu sua obra a alguns clarões patrióticos, com o fim de preparar os escolares e seus mestres para os massacres herôicamente inúteis de 1914-1918. Quanto à "intelligentzia" burguesa, se fez de rogada. E escamoteou-se o cadáver em sua grandeza mesmo, celou-se o túmulo demasiado grande do poeta que tivera o mau gôsto de ser grande, com a fórmula de André Gide: **Vitor Hugo, o maior poeta francês, infelizmente!**"

(Pierre Albouy — Vitor Hugo e a Crítica Burguesa, in Nouvelle Critique, n. 27).

No entanto, eis Vitor Hugo maior do que nunca. Pertence ao povo e aos intelectuais progressistas, a todos aquêles que compreendem a maneira de pensar do Poeta quando escreveu:

"... Pois seja. Vedes prêsa de tríplice véu  
A treva, e nós, nós vemos as estrêlas.  
Euscamos o que brilha, procurais o que negreja.  
Cada um tem o seu modo de olhar a noite".

Nós olhamos e seguimos as estrêlas.

E. M.

## CAMINHO DA LIBERDADE

Não vou fazer a crítica do livro de Howard Fast. O livro e o tema que êle aborda são demasiado grandes para caberem numa rápida nota. Possivelmente chegarei a fazer a crítica mais tarde, com todo o cuidado, com todo o carinho que merece êste escritor, dos maiores da literatura contemporânea, em tórno do qual se faz um silêncio que seria ofensa, mas que partindo de quem parte, da crítica oficial e mercenária, é elogio.

A leitura do livro de Fast deu-me uma visão clara de como se forja em um povo a nódoa do preconceito racial, e que interesses

sórdidos e inconfessáveis presidem a formação desse preconceito. A figura de Gideon Jackson cresce em cada página, à medida em que ele toma consciência de que é um ser humano, de que tem direito à liberdade, mas de que a liberdade só será completa quando ele deixar de ser ignorante para que possa usar a liberdade num sentido construtivo, à medida que o vemos instruir-se e lutar por instrução para os negros e para os brancos pobres.

É uma parte importante da história dos Estados Unidos da América do Norte que ali está em toda a sua verdade: o após-guerra da Secessão, no Sul, quando os latifundiários ainda não haviam tomado pé e o povo, brancos e pretos, iniciaram a construção de uma sociedade democrática. E-nos desvendada a trama urdida pelos escravagistas para retomarem o poder, a criação da nefanda Ku-Klux-Klan e o empenho que tiveram em romper a aliança entre negros e brancos pobres, para isso difundindo pela mentira e pela violência a idéia de que a união era prejudicial aos brancos e que a cor da pele estabelece desde logo quem tem mais ou menos valor.

A luta heroica de Gideon Jackson continua até hoje nos Estados Unidos onde se perpetua um genocídio determinado, só comparável às perseguições dos nazistas contra o povo judeu.

Nós, brasileiros, que lutamos hoje em defesa de nossa cultura temos que lutar contra a importação de mais uma faceta do "American way of life": o racismo. Não é por acaso que fatos lamentáveis se estão dando a cada instante, pequenos fatos, verdade, mas demonstrativos de que a peste paira no ar. Se silenciarmos esses fatos permitiremos que outros mais graves venham a suceder. Se isso aconteceu é porque se tem visto o povo brasileiro, cuja pele felizmente forma um arco-íris, unido em todas as campanhas de interesse nacional, em defesa de nossa soberania, de nossa cultura, em defesa da paz; aqueles que vivem da guerra e da miséria dos povos vêm no racismo uma boa maneira de desunir nosso povo.

E onde se haveria de assistir a um desses quadros revoltantes? Em Florianópolis, a cidade de Cruz e Souza, na terra do poeta que é honra e glória, não só de Santa Catarina, mas de todo o Brasil. Não sei se seria permitido ao poeta jantar no restaurante do Clube 12 de Agosto, mas sei que o poeta vive no coração de todos os que amam o belo, ao passo que os senhores do Doze por mais que se branqueiem só são conhecidos pelo triste e lamentável papel que desempenharam. Não nos cabe discutir se os jogadores bahianos, uma vez retornados à sua terra, mantiveram ao expor o caso a serenidade que deviam, nem se alguns jornais de lá propositadamente não analisaram o acontecimento com a profundidade necessária, tudo é decorrência de uma atitude condenável, e quem começou que arque com as conseqüências. Compreendemos a indignação dos bahianos e dela partilhamos juntamente com todo o povo de Florianópolis. A solidariedade do povo foi demonstrada pela manifestação feita pelos estudantes.

Da Bahia, Vasconcelos Maia nos pediu que protestássemos. Não o fizemos de imediato porque os jornais não nos pertencem, vai aqui o nosso protesto.

Num Brasil em que tais fatos estão acontecendo é preciso que muitos leiam o livro de Howard Fast, para que muitos compreendam como se processa o abastardamento do coração de um povo, como o facismo se insinua de maneira sutil, a que interesses serve o racismo. Para que aqui no Brasil, nem por um momento, deixem de pretos, brancos e amarelos construir unidos o caminho da liberdade.

E. M.

## O GÊNIO

Releio Monteiro Lobato e com essa leitura fico novamente entusiasmado, porque descubro nêles qualidades que antes lhe ignorava. Há certos trabalhos seus que cheiram a profecias e que, observando de perto os tempos atuais, fazem a gente se convencer da realidade e de quanto o homem tinha razão.

Sob dois aspectos aparece agora Monteiro Lobato: se por um lado nos deu uma volumosa obra literária, por outro nos deixou uma grande lição, que poderia ter sido muito bem aproveitada. Mas, como as gerações que vieram depois dêle não souberam compreendê-lo, suas palavras permaneceram inúteis e não passaram de letra morta em papel morto.

Quando Monteiro Lobato chamou a atenção do govêrno sôbre o despontar da era do petróleo, sabia que o futuro das nações estava sensivelmente vinculado ao seu poderio econômico e às suas riquezas petrolíferas. Porisso êle se empenhou com espírito forte, sofrendo tôda a carga oficial, pois sua pena, defendendo a legitimidade dos nossos bens, estava contrariando o interêsse dos capitais estrangeiros e até o do próprio govêrno nacional. Só muitos anos mais tarde, os poderes públicos se resolveram tentar a exploração do nosso petróleo, coisa que no seu tempo era crime em falar.

Monteiro Lobato escreveu sempre com os olhos voltados para dois ângulos: o da arte e o do progresso. Tôda a sua obra foi inspirada por um profundo amor ao futuro e por um doloroso sentimento de nacionalidade. Êle sentia ver a Pátria marchar indolentemente atrás de sua irmã norte-americana. E para perpetuar êsse sentir inquietante, escreveu um livro que se chamou "Mister Slang e o Brasil". Trata-se de um diálogo feito entre um brasileiro e um inglês. Mister Slang, que é o estrangeiro, vem ao Brasil, olha as nossas coisas, examina-as, observa os nossos costumes e as nossas tradições, e depois responde às perguntas que o amigo lhe faz. É então que Monteiro Lobato manifesta o seu senso profético. Mister Slang diz ao brasileiro tudo o que deve ser feito nêste país e aponta as consequências que podem advir caso se deixe de fazê-lo. Como a reencussão do livro fôsse das mais raras, Monteiro Lobato vai aos EE. UU. como nosso adido comercial e, de lá, nos manda outro livro, desta vez o "América", que é uma espécie de continuação de Mister Slang e o Brasil. Nêsse trabalho, Monteiro Lobato retoma o seu velho personagem e faz o inglês estabelecer comparações entre os dois países, mostrando o porque do progresso de um e do atraso de outro. No fim do volume, o autor entra com sua veia de literato e nos fala do futuro, nos revela seu conhecimento de causa e nos transmite sua grande esperança nos pequeninos, em quem tanto acreditava. Mas tudo o que êle escreveu e pensou não foi aproveitado. Os males econômicos vieram, as crises sociais surgiram e os desentendimentos administrativos continuaram. Era a inutilidade de sua lição e o prêmio de todo o seu esforço.

Muita coisa poderia ter sido evitada se o nosso govêrno houvesse aproveitado os escritos dêsse gênio do século XX. Mas, como sempre, temos aqui o atestado da inoperância dos homens que nos têm governado.

Monteiro Lobato morreu antes que seus vaticínios se realizassem. Porisso, talvez tenha descansado ainda confiante na remodelação das crianças, causa pela qual êle propugnou com tanto ardor, publicando uma das mais completas obras de gênero infantil.

Rio do Sul, 8-3-52.

Italino Peruffo



## INTERCÂMBIO

Desde nosso primeiro número temos frizado que "SUL" deveria, além de divulgar os nomes dos que, entre nós, se iniciam nas letras, servir também de veículo para um contacto melhor não só entre publicações e escritores do Brasil, mas também do exterior e especialmente de Portugal. Pois é inegável que não nos conhecemos o quanto seria necessário, tanto assim que os novos escritores brasileiros pouco são divulgados em Portugal o mesmo se dando em relação aos portugueses.

Felizmente, desde o começo, "SUL" tem sido bem sucedida. São diversas as publicações com que mantemos permuta, diversos os escritores que conosco tem colaborado. Ainda agora acabamos de entrar em contacto com a turma que fará o jornal literário "ALVORADA", cujo primeiro número já deve ter saído. Compõe a revista um grupo de jovens, alguns valores já positivos das novas letras de Portugal, outros que estão se iniciando e que muito prometem. Neste número damos de redatores de "ALVORADA", dois trabalhos: o poema "A Noite é Má", de Mário Mota; e "Traviata", conto de Guilherme Sule ilustrado por Costa Pinheiro, um valor novo das artes plásticas portuguesas.

Neste mesmo número de "SUL" também damos o ótimo poema "Uma carta para longe", de Augusto dos Santos Abranches, poeta de Moçambique, Africa Ocidental Portuguesa e com o qual entramos em contacto através do nosso comum amigo Marques Rebêlo. Além de nos remeter seus poemas, Augusto também irá nos pôr em contacto com outros artistas seus conterrâneos, sendo que em nosso próximo número já daremos vasta colaboração de lá remetida.

E assim prossegue "SUL" sua campanha não só de divulgação de novos escritores brasileiros e portugueses, mas também de aproximação.

### TEATRO EXPERIMENTAL DE FLORIANÓPOLIS

Nada melhor, achamos, para experimentar a habilidade de um grupo teatral, que levar espetáculos de peças em 1 ato. Principalmente quando se trata de amadores, que, falando francamente, são uma das únicas espécies de gente que ainda se interessam pelo verdadeiro teatro no Brasil atual. Obrigados a caracterizar tipos variados, mostrar ambientes diversos, construir cenários diferentes, há, para os que realizam tais espetáculos, mais do que nas peças em 3 atos, uma preocupação profunda pela unidade, pelo ritmo e pela harmonia, o que resulta maior pesquisa e maior estudo, tanto dos efeitos de representação, como de técnica geral.

Mais difícil se torna ainda quando os autores são diferentes. Neste caso, todo o cuidado é pouco para que nada quebre os efeitos de um belo espetáculo.

O Teatro Experimental de Florianópolis volta as suas atividades. Volta, tendo agora na sua direção, Silvio José do Vale Pereira, Hugo Mund Jr. e J. P. Silveira de Sousa. E promete-nos para breve um espetáculo de 3 peças em 1 ato: "O Homem da Flor na Boca", de Pirandello, que, convem destacar, já foi representado entre nós, lá por volta de 1947-48 pelo teatro de Câmera do C. A. M. "O Canto do Cisne" e "O Aniversário de Fundação", ambas de Tchekov.

Integram o grupo Carlos Aduauto Vieira, que já nos deu "O Urso" de Tchekov, Nady Ferreira, Ivety Carrie e Memrod Lebarbechon.

Os ensaios já estão sendo feitos, no palco da União Operária e, esperamos que dentro em pouco tempo, o que até agora tem sido uma promessa, transfor-me-se em autêntica realização.

## CURSO DE EXPANSÃO CULTURAL

Depois de inúmeras reuniões preparatórias, onde os organizadores do certame bastante trabalharam, quer preparando o curso, quer expedindo os convites aos conferencistas, quer ainda divulgando pelos jornais o que se ia conseguindo, foi inaugurado, dia 24 de maio, o curso, com a primeira conferência, presentes o Sr. Governador do Estado e demais autoridades. Para esta primeira conferência foi convidado o Sr. Governador do Estado de S. Paulo, Dr. Lucas Nogueira Garcia, tendo que falou sobre tema de sua especialidade, qual seja engenharia sanitária, tendo sido apresentado à plateia que lotava os salões do Clube Doze de Agosto, pelo Sr. Contra-Almirante Carlos da Silveira Carneiro, presidente do Curso de Expansão Cultural.

Dentre os futuros conferencistas que deverão realizar proximamente suas conferências, citamos: Dr. Osvaldo Aranha, Prof. Josué de Castro, Dr. Osvaldo R. Cabral Dr. Victor Pelluso Jr., etc.

Aos organizadores do Curso, no qual se contam personalidades das mais brilhantes em todos os setores da vida catarinense, os nossos parabens pela iniciativa.

### (Conclusão da página 2)

Não é necessário mostrar quão ingrato é, em qualquer campo, o terreno dos iniciadores, dos desbravadores. Raramente ou nunca conseguem fazer algo de melhor, de duradouro. Seus elementos sem coesão ou base sólida, se prendiam a experiências muitas vezes malogradas. E tais obras ficam com a quase só importância de abrir caminho. Os que surgem mais tarde, aproveitando tais brechas abertas, podem, então, esquecendo o que devem, usar semelhantes alicerces para a consecução de uma obra sólida, objetiva, perfeitamente acabada. E foi o que se deu...

Mas, de uma forma ou de outra, frizemos sempre, é impossível negar a importância fundamental da semana de arte moderna na modificação progressiva da mentalidade brasileira, na melhoria da cultura. Quando mais não seja como um reativo, provocando, forçando os demais a se moverem, trazendo à rua os problemas, se não os resolvendo porém mostrando-os, debatendo-os.

Quanto aos jovens, bem ou mal, temos que reconhecer que quase todos nós, mesmo quando divergimos fundamentalmente da semana, mesmo quando a negamos e repudiamos, dela somos filhos. Quase diria filhos espirituais...

Agora subdivididos em gerações anuais, semestrais, mensais, quem sabe diárias, tendo cada um uma visão diversa dos múltiplos problemas que se amontoam diante de nós, vivendo num mundo caótico, uns tendo um rumo, outros se debatendo numa verdadeira noite que se lhes parece interminável, podemos recusar a semana; devemos talvez recusar a semana. Isto não impede que nos tenhamos formado, forjado, em nossa quase totalidade, à sombra dela. Complexa e contraditória sombra. Cheia de erros, falhas e confusões. Vá lá. Mas o fato apontado é irrecusável.

Então, como filhos rebeldes, independentes, que gostamos de analisar os fatos, vamos negar o que de mal ela nos legou, aceitando o bom, em especial seu espírito de rebeldia e de eterna pesquisa. Tanto no campo estético como filosófico e social. Nunca esquecendo que nossa responsabilidade, já que temos diante de nossos olhos a lição deles, pois no dizer de Mário "podemos servir de lição", é muito maior. E não temos o direito de cometer os mesmos erros. Mesmo porque, para terminar acacianamente, me dirão alguns, errar é humano, persistir no erro é intransigência ou burrice!

S. M.

**CONTISTAS NOVOS DE SANTA CATARINA**

— S U L —

**Florianópolis — 1952**

— 49 —

I — **Na Rua Morta** — Guido Wilmar Sassi: Tem em preparo um volume de contos, "PIA", que está programado nas "Edições SUL", devendo aparecer em começos de 1953. Sassi já é um dos melhores, talvez mesmo o melhor ficcionista da nova geração de escritores catarinenses.

II — **Pierrot do Século XX** — A. Boos Jr.: Feito por elementos da nova geração, revista onde começaram e onde se experimentam, fazem seu aprendizado nas letras, a turma de "SUL" nunca foi uma turma "fechada", muito pelo contrário, sempre abriu suas páginas e deu as mais amplas oportunidades para outros elementos novos, do Estado ou de fora, começarem ou continuarem. É assim que, agora, divulga mais um contista, que pela primeira vez tem um trabalho impresso e onde se apresenta com inequívocas possibilidades de ficcionista.

III — **J. M., Cego** — Salim Miguel: Estreiou em 1951 nas "Edições SUL" com o volume "Velhice e outros contos" que tem sido bem recebido pela crítica do país. Tem em preparo mais um livro de contos — "ENCONTRO" — e duas novelas: "JORNADA" e "A REDE".

## NA RUA MORTA

Conto de Guido Wilmar Sassi

A rua é sempre assim, erma e silente, salvo quando há entêrros; ou aos domingos, quando as pessoas passam, em romaria ao cemitério. É rua de arrabalde, uma das últimas da cidade, e o seu movimento é quase nulo, apenas um reflexo do que acontece lá no centro, onde há casas de comércio e automóveis. Pelas grades da janela, como se fôsem pedaços colados de um quebra-cabeças, Vicentina vê apenas uma nesga de terra, batida e poeirenta, duas casas vizinhas, o poste da luz elétrica, uma faixa de campo e o cemitério, equilibrando-se na colina. E mais nada. A rua é triste, morta.

Aos domingos, porém, a rua se agita um pouco. Passam carros, conduzindo gente de luto, com flôres nas mãos. Às vézes, na volta, alguém entra pela sala, dá os bons dias ao velho Natalino e se enca-minha para os fundos da casa, onde Vicentina tem o seu quarto. Quando ouve os passos, a moça corre para junto da cama, escondendo-se na escuridão.

— Vicentina.

— Senhora ?

— Trouxe umas revistas para você. Como vai passando ?

— Bem, dona... É a dona Teresa, não é ? Muito obrigada.

As revistas são empurradas por debaixo da porta, ou então pela abertura que há nela, no seu meio. Caem sôbre o assoalho. Vicentina espera que o sussuro de vozes e o som dos passos se afaste. E então se atira, com sofreguidão, juntando as revistas. São exemplares velhos, manuseados, rotos. Mas não importa. Oferecem uma visão da vida, da vida que vibra lá fóra. É o mundo que salta daquelas páginas amarrotadas, o mundo distante, com tôdas as suas belezas.

Vicentina olha as ilustrações com avidez, com volúpia, quase. Contempla as moças de maiô, na praia, em paisagens transbordantes de sol. Maiôs indecentes, deixam quase tudo de fora. Credo, que pouca vergonha ! Vergonha nada. A gente deve se envergonhar de mostrar o que é feio, não como a carne daquelas moças: lisinhas, rosada, limpa.

As mãos de Vicentina, mãos inchadas, nodosas, que jamais serão carícias, passeiam-lhe pelo corpo. Primeiro nos lábios, que jamais serão beijos. Depois pelos seios, pelo ventre, que nunca será mãe. Descem até o sexo, que jamais será gôzo. E o seu coração, que nunca será amor, se confrange. Vicentina sente inveja, raiva e comiseração de si mesma. E chora.

As figuras bonitas, encarnação da vida, estão distantes, longe demais para as suas mãos. Para ela, as paredes do quarto são limite e horizonte. Seu mundo é aquêle. Não ! Nunca ela sairá de novo, não

se exporá ao sol, não se molhará na chuva, nem amará nem viverá. Seu destino é ficar ali trancada, vendo as chagas do seu corpo se alastrar, tomar vulto, cobri-lo por inteiro. Primeiro as manchas, pequenas e insensíveis. Os dedos engrossando, depois. As sobranceiras criando crôstas, os lábios se tornando tumefatos. E afinal as feridas, corroendo tudo, aprofundando-se pela carne, destroçando-a.

Morrer pouco a pouco, caindo aos pedaços, apodrecendo em vida. Bem como a Helena, a irmã mais velha. Também ela passara por aquilo, a coitada, esperando a morte naquele quarto. Naquele mesmo quarto, da casa triste, na rua morta, onde só de raro em raro chega o bulício da cidade.

A cidade lamenta a sorte do velho Natalino:

— Que azar, hein? Até parece castigo. A segunda filha também está com a moléstia.

— Será que não vai pegar nos outros?

— Pra mim já pegou. A família inteira é leprosa.

E a cidade faz vistas grossas, não ligando ao fato de o velho ter uma transeñiana ali dentro, longe, é verdade, mas ainda no perímetro urbano;

— Coitado, é pai. Não quer mandá-la para um leprosário. Quer tê-la junto de si, com a assistência da família.

Família! Pai, mãe, irmãos, parentes — tudo o mesmo que nada. As relações não passam de um arremêdo de amizade, um simulacro de afêto. Todos os carinhos são de longe. Carinhos sem contato. Arremêdo, puro arremêdo.

A irmã chega-se à abertura da porta:

— Olhe, Vicentina: é o teu sobrinho. Está crescido, não?

Olhos de inveja pousam na pele alva. Tenra, sim, mas firme. Não como a sua, lacerada e imunda.

O pai vem:

— Deus te abençõe, minha filha. Como vai?

E logo os sêres do seu sangue desaparecem, fugindo do seu aspecto asqueroso, temerosos do contágio. Por isso é que ela se refugia na penumbra: para que ninguém a veja.

Os trapos da cama estão sujos, o canecão de fôlha nunca é lavado, o prato contém sempre restos de comida. A mãe se desculpa:

— Tenho outros filhos pra criar. Preciso tomar cuidado. Deus me livre...

Vicentina e a escuridão formam um todo. E, à escuridão da noite sucede a penumbra do dia, enquanto a rua continúa no mesmo — morta, silente. E as horas demoram a passar, duram uma eternidade. Uma eternidade triste, dolorida.

As vêzes, crianças brincam por ali, e a sua algazarra é música para os ouvidos, cantiga de embalar, quase. As crianças se aproximam, brincando, chegam-se até junto da parede, roçam nela. De repente, uma delas, mais avisada, recorda:

## PIERROT DO SÉCULO XX

Conto de A. Boos Jor.

Fantasiara-se de malandro. Calças de linho branco, camisa listrada, a palheta quase em cima da orelha. De malandro não tinha nada. Nem o andar cadenciado, nem o assovio pronto para improvisar um samba. Malandro de salão, que não sabe capoeira, que nunca sentiu entre os dedos o contato reconfortante de uma navalha...

Dezoito anos! Magro, excessivamente alto para a idade. Era o seu primeiro baile de carnaval — porque, desculpem — baile infantil não é carnaval. Ele próprio reconhecia isto e, só Deus sabe das dificuldades que tivera de contornar junto à barreira dos cuidados maternos. E o assalto ao bolso do pai?... Múltiplas recomendações haviam-no deixado nervoso (Não gaste atôa!... Não cheire lança-perfume!... Não ande com o Caldas, é um perigo!...).

Durante o mês de janeiro inteirinho, não havia pensado em outra coisa. Carnaval!... Em casa, quando pronunciava esta palavra, carregava magistralmente nos "RR" da primeira sílaba, fazendo com que a mãe meneiasse a cabeça, temendo as consequências daquilo que ela qualificava de "aventura". E quando a tensão aumentou, quando o rádio não gritava outra coisa que não fosse acompanhado pelos soluços de "cuícas" soturnas, Alberto (êste o nome do nosso herói) andou namorando o Pekin, o gato angorá da família que, suspeitando das idéias tenebrosas do dono, passou a morar em cima de muros e telhados. E a hipótese do tamborim foi afastada...

Dezoito anos!... Primeiro carnaval, primeiro namoro realmente sério, com pensamentos mais sérios ainda voltados para empregos, futuro e economia. Namoro gostoso, escondido dos pais da moça. Namoro enfezado, custando a crescer: êle, muito creança; ela, sem liberdade. Na praia, longe um do outro, atiravam pedrinhas n'água. Olhavam-se de relance, compreendiam-se sem palavras, entendiam-se

---

— Vamos sair daqui. É o quanto da morfética.

Morfética! A palavra entra ferindo, doendo como alfinetada, na carne de manchas insensíveis, mais fundo, como um punhal, na alma triste.

Passos lá fora. Vicentina corre à janela, pressurosa, para não perder a novidade. É um entêrro que passa. Entêrro de anjo. Lá vai o caixãozinho azul, rumo ao fim: pessoas chorando, uma cruz, flôres. Animam-se as janelas da vizinhança. A rua ressuscita. Não importa que seja o cortêjo da morte. É sangue que circula pela artéria exangue. É vida, todavia. Há movimento, outra vez, na rua morta.

nos mínimos gestos. No cinema gozavam de maior liberdade (Qual o pai que vai a "matinés" das duas, pelo simples prazer de vigiar a filha?). Ficavam a sessão inteira, de mãos dadas, suando infernalmente, mas felizes. Namoro gostoso...

E agora, nada, absolutamente nada. O dinheiro sumira como por encanto. Como? Um lança-perfume para a namorada... Uma cerveja para êle... confeti, serpentina para os dois... E agora, nada. Ausência completa de gozos e sensações. Apenas o travo meio amargo da cerveja, muito calor e muito sono. A namorada há muito não está mais com êle. Êle próprio não sabe como aconteceu. Lembra-se assim, assim... muito vagamente...

Estavam dansando. Quase como no cinema: de mãos dadas. A única diferença era que gritavam e pulavam; pois, até nos suores, o carnaval identificava-se com a "matinée" dos domingos. Não havia perigo dansarem de mãos dadas: os pais dela não iriam desconfiar (no carnaval tudo vale). Estavam dansando desde o início do baile. Tudo correndo ótımamente, bem de mais para um carnaval.

Atiravam confeti nos foliões suarentos. Atiravam nas bocas escancaradas para verem apaches mascarados curvarem-se para tossir, angustiados. E, saıam (sempre de mãos dadas) esgueirando-se entre a multidão, para no outro lado do salão, livres de um possıvel atrito, rirem-se da peça pregada.

De repente, alguém deu o braço à sua namorada. Êle olhára desconfiado, afinal, era SUA namorada. Mas não se importou muito, ou melhor, fingiu que não se importou. Um pensamento teimoso martelou-lhe as tēmporas — "Daqui a pouco êle desguia" — numa vã esperança de tranquilizar-se. Agora não era mais desconfiança: era curiosidade — "Quem será êste camarada?". Ela notou sua curiosidade e, mesmo dansando, tentou uma apresentação formal: — Zanzica, meu primo. Albertinho, um amigo!... — êle ainda tentára um "...prazer" como sua mãe ensinara. Quase estendera a mão. Mas, o outro já virara o rosto, não dava valor a essas coisas.

Entraram num cordão. Êle muito sem geito, tremendamente envergonhado, ía na frente dela e do "primo" Zanzica. Parecia que todo mundo sabia o que se passava com êle. Não cantava nem dansava, sōmente acompanhava aos que iam na frente. Autômato num mundo de loucos, os sentidos embotados, apenas a pressão de mãos esguias em seus ombros, denunciava a presença dela. Levou trancos a granel, a palheta quase caiu... Depois o cordão transformou-se em roda, todos de mãos dadas e, o que era pior, ela dava a mão e sorria para o "primo"! Ao lado dêle, uma gorducha de olhos enormes pulava a não mais poder. Todos felizes e êle... imbecil, bestificado. Na ocasião em que êle e a mocinha gorda (Gorda, não! gorducha!...) estavam dansando no meio do círculo, "primo" Zanzica escapara com ela. Ficou atônito — "Que camarada sem-vergonha!". A gorducha cantava, rebolando os olhos enormes nas órbitas brilhantes:



"Faça de conta que você me adora..."

Para o inferno com "você me adora"! Ela fugira. Ou fora levada pelo "primo"? Talvez a força, arrastada pelo salão a fóra... Quem sabe?... Deu um jeito e escapou-se do que era novamente cordão. Vasculhou os quatro cantos do salão. Inutil. Nem sombra dela, nem do Zanzica. Entrou no bar. Saiu. Entrou de novo. Ânsia incontida de procurar. Medo de encontrá-los.

Alguém abraçou-se com êle. Era um homem, tendo no nariz um lenço de côr duvidosa. Quiz desvencilhar-se, precisava procurá-la. Lembrou-se do conselho da mãe (Não cheire lança-perfume, meu filho!) e tirou o lenço do bolso. Era o Caldas...

Enquanto o outro derramava o lança-perfume no lenço, sentiu um princípio de remorço. Aspirou profundamente, sentindo um zunido progressivo nos ouvidos, a boca enchendo-se de saliva... Quando retirou o lenço do nariz, sentiu medo. As pessoas gritavam perto dêle, porém, pareciam íreais. Os músicos continuavam assoprando furiosos, vermelhos, com os músculos das bochechas distendidos. Entretanto, não conseguia ouvir o som dos instrumentos. O chão lembrou-lhe uma rêde (dessas de circo): seus pés afundavam dentro de flócos macios. Uma dormência gostosa latejava-lhe nas pontas dos dedos. O assoalho ondulava... Cuspiu grosso e estendeu novamente o lenço. Caldas atendeu-o.

Agora, a imagem da gorducha voltou a boiar à sua frente, sempre revirando os olhos enormes. E transformava-se, lentamente, na figura querida da namorada. Quando êle precipitava-se ao seu encontro, o vulto esguio avolumava-se, cantando nos olhos que giravam incessantes.

"Faça de conta..."

Depois, as faces dos músicos cresciam em frente de seus olhos. Faces escorridas, sem côr, como figuras de cera dentro d'água. Formavam um círculo compacto mas, ouvia-se, clara e inconfundível, uma voz esganiçada subir de dentro do círculo. Aos poucos, uma figura magra foi subindo, acompanhando a voz que era dela mesma. Era sua primeira professora, dona Martinha. Alta, o peito côncavo de tuberculosa, o "cocó" preto-brilhante, baluarte de simetria absoluta que resistia aos mais tremendos ventos sul. Dona Martinha subia sempre, cantando e pulando sôbre as cabeças dos músicos. Até entrar pelo tétó a dentro, sumindo-se para sempre.

Quando deu por si, estava no mictório, apoiado na parede. Vômito recente afogava o confeti que se espalhava no chão imundo. Olhou em volta, procurando pelo Caldas; chamou-o em voz alta. Uma voz sonolenta ultrapassou a porta — Não! É o Raul... — Outra voz, de outra porta, chasquinou:

— Porta errada, velhinho!...

Cuspiu grosso e azedo. Saiu. Uma odalisca roçou-lhe os seios vio-

lentamente empinados. E ela? E o "primo" Zanzica? Nem sombra. Voltou ao bar.

Ficou uma eternidade sentado naquela banqueta perto do balcão. O sono voltara mais violento. Não sabia que forças o prendiam naquele clube. Os foliões passavam céleres, loucos e felizes. E êle... baqueava de sono. Ao seu lado, um casal escolhia bebidas. Êle, um príncipe indú, perguntava:

— Conhaque?!? Sabe o que é conhaque?...

— ???

— ...Cachaça trajada a rigor! — e, satisfeito, dava palmadas nas pernas nuas da compnheira.

Êle não ouvia nada disso. Seu pensamento era um só, fixo e imutável — "Ela voltaria?" — A interrogação constante aumentava-lhe o sono. A palheta rodava, inútil, em suas mãos. As recomendações que ouvira em casa, voltavam-lhe, importunas, ao cérebro. E uma sombra de remorço acudia presurosa ao encontro daquela sensação de isolamento e humilhação. Contudo, o efeito do lança-perfume desvanecera-se e, voltara a procurar o vulto desejado.

Subitamente, ela apareceu. Suada, despenteada, perdida naquela multidão de loucos. Do "primo" Zanzica, nem sombra. Voltava totalmente desamparada e, quando o viu, um sorriso triste acendeu-lhe vida no rosto. Duas lágrimas quietas desciam-lhe dos olhos vermelhos. A orquestra tocava, estridente:

"Eu quíz fazer você chorar,

"Quem chorou fui eu..."

Um violento desejo apossou-se dêle. Desejo louco de sair correndo ao encontro dela, de apertá-la nos braços, de perdoá-la em tudo e por tudo. Ela chorava, quem diria!... Controlou-se e, apenas mostrou-lhe a banqueta vazia ao seu lado.

Ela — vejam só — ela chorando por sua causa! Era inacreditável!... Se aquele tal Zanzica estivesse ali, com que cara não ficaria! Sentiu u'a vontade imensa de afagar a mão tão querida, de dizer-lhe baixinho, morna e mansamente "Querida". Mas não pode, não teve oportunidade. Ela, ali mesmo, liquidou com a réstea de esperança que êle ainda alimentava:

— Me jogaram lança-perfume nos olhos...

O baile acabava naquele momento...

Florianópolis, Março de 1952.

## J. M., CEGO

Conto de Salim Miguel

ANDAVA sempre bem vestido. Os cabelos muito lisos, com grandes camadas de brilhantina. Maos bem tratadas, bastante cuidado com a roupa, sapatos que nem espelho. Ajanotado.

Uma coisa porém o caracterizava mais ainda: irascibilidade.

Lembro-me bem. Um dia, vinha êle pela rua; a bengala placplaqueando nas pedras. Um dia de sol brilhante, vivo, que acabara de substituir a chuva. Poças de água se formavam pelo caminho e nelas vagos reflexos de sol se perdiam.

O movimento, como quase sempre, já que allí não passava de méro caminho para ônibus e caminhões demandarem a "cidade", erá por isto mesmo mínimo. De modo que êle podia andar sem perigo. Aliás fazia quase sempre um trajeto-curto e igual: De casa para a pequena livraria que montara, da livraria para casa. Raramente descia até o jardim (ou um café), onde se sentava muito teso, olhos fixos, duros, imóveis. Alguns achavam que êle enxergava, simplesmente era um fingido e espertalhão. Um grande "sacana". Mas hoje tenho certeza que não se dava tal. O que êle possuía era acuidade, uma acuidade extraordinária. Sômente pelas passadas, pelo riso, pelo cheiro característico, quero crer mesmo que até pelo modo de respirar de uma pessoa, J. M. a reconhecia. O que não deixava de ser, em muitas ocasiões, um transtôrno. Porque, se passávamos diretos, se não chegávamos até êle, punha-se a gritar, tornava-se impertinente. Queríamos andar, passear, e êle nos chamava, prendia horas e horas com um mêdo pânico de ficar só, ou com que estranhos fantasmas e reminiscências não sei. Ah, como se tornava por vezes amável, querendo a todo transe nos agradar. Elogiava a um e outro, procurava nos vencer pela lisonja, sabia que éramos vaidosos como todos os rapazes, tocava nos nossos pontos mais sensíveis, pois descobria, em pouco, o fraco de cada um de nós. Porém, se safamos assim mesmo, apesar de tudo, sua expressão mudava, se punha vociferante, tremia todo, o rosto se lhe contorcía. Ameaçava e implorava. Nada adiantando uma coisa ou outra.

Tinha a memória desenvolvida de maneira inacreditável. Lia-se-lhe qualquer coisa — e que ânsia de saber, a dêle! — um poema, um longo trecho em prosa, um estudo, e êle o gravava de forma indelével. Passados dias, meses, quem sabe anos, se a gente lhe perguntava: — "J. M., te lembras de tal..."

Êle ficava satisfeito, orgulhoso com um petiz que sabe a lição. E de uma enfiada, num tom cadenciado, monótono, decorado e igual, como um disco que repete sempre e sempre a mesma toada sem mudar, sem gastar, no mesmo tom de leitura de quando lhe havíamos

lido o "troco", fazendo as mesmas cadências e pausas, êle deixava escorrer tudo, uma, duas, vinte, quantas vêzes desejásemos. Seus olhos meio mortos brilhavam de sã alegria. Transpirava satisfação.

Minhas recordações dêle são várias. Começarei mesmo pelo caso...

"Lembro-me bem. Um dia, vinha êle pela rua; a bengala placplaqueando nas pedras. Um dia de sol brilhante, vivo, que acabara de substituir a chuva (renitente). Poças de água se formavam pelo caminho (esburacado) e nelas vagos reflexos de sol se perdiam".

J. M. trazia um terno branco, impecavelmente passado e limpo. Revejo todo o quadro. Num canto, o pequeno mercado, onde meu tio tinha um boteco; no outro lado a alfaiataria de "seu" João Dedinho. A estrada, um pequeno pasto e mais distante o rio, onde duas ou três embarcações balouçavam. Completando a téla, a pensão de Dona Firmina, a barbearia do Lauro e entre o pasto e o rio, a casa de dois andares dos pais de J. M. Parado no pastinho, um caminhão descarregava madeira, que magros homens puxavam até os barcos. E perto uma carroça, onde um menino vendia laranja.

J. M. vinha. Não gostava que ninguém o guiasse. Víamos, todos calados, que êle se encaminhava, direto, para uma poça d'água. Logo adiante, era fatal, iria esbarrar na carroça que estava bem no caminho da casa, para onde êle se dirigia. Conhecendo-o, nada dissemos, com medo.

A cena, curtíssima, contudo, parecia se prolongar indefinidamente. A atenção de todo o pessoal das cercanias se concentrava em J. M. Tudo parara. Era como uma cena estática, que a câmara focara e captara de improviso. Vejo, sinto ainda, os carregadores virados, suando, respirando forte, a puxar a madeira; meu tio, com a pá de tirar banha na mão e o freguês perto, ambos correndo à porta; "seu" João Dedinho a enfiar a linha na agulha enquanto Hernani sopra o fogo do ferro de passar; lá na janela da barbearia o Lauro afiando a navalha, com lentidão estudada, e o Dr. Marcus, promotor, descia da cadeira com o rosto todo ensaboado.

Eu e meus dois amigos, numa das janelas laterais da pensão, donde podíamos divisar o quadro completo. Que se passou numa fração de segundo — segundo êste que não sei como expressar a não ser com uma frase muito batida mas significando tudo: "Fração de segundo muito mais rápida do que levei para relatar a cena". E já tudo se modifica, desmancha, esvai. Assim:

Silêncio. Espectativa geral. Que meu amigo Osmar quebra, não pode aturar. Saiu da janela, correndo, gritou: — "Atenção, cuidado, J. M., atenção, pára senão vais te sujar, cair, esbarrar... te pisas..."

E J. M. desabou numa poça, salpicou o terno tão imaculadamente limpo, tão branco. Mas o desastre não ficou ali. Desnordeado, sentindo faltar-lhe o apóio da bengala, tonto com os gritos do Osmar, irri-

tadíssimo com as insopitáveis risadas que partiam de diversas partes, sem as poder identificar ou localizar, êle virou-se e nesse virar-se foi firme de encontro à carroça. Bateu, estacou-se no chão. Tentou erguer-se. Osmar já chegára até êle, ajudou-o a levantar. Mas logo choveram bengaladas e impropérios.

“— J. M., eu...”

“— Você, seu cretino, cachorro, por sua culpa. Pensa que sou o que? Veja o que me fez, que aconteceu por exclusiva culpa tua. Precisavas gritar assim, como um perfeito idiota! Pensa que eu não enxergo por onde ando!”

E a bengala zunia em todas as direções, esplendia ao sol forte, projetando sombras finas, que ora se alongavam inda mais ora engrossavam, esquivas, rápidas, passando por sobre a carroça, a grama verde e rala, os cavalos pacíficos, o menino das laranjas, o vulto fugidío de Osmar.

As risadas cresciam...

Eu me dava muito bem com êle. Conhecia-o. Passava horas lá, na pequena livraria deserta... de freguêses e mercadorias. Ficávamos conversando, discutindo coisas, comentando fatos, “filosofando”. J. M. tinha imaginação rápida, facilidade de percepção, intuição para captar logo as coisas mais sutis, que me encantava. Demais, possuía livros, livros que conseguia mágicamente não sei onde nem como, de amigos distantes ou parentes vagos e pouco nomeados.

Eu estava começando a ler, não tinha onde arranjar livros. Então êle os arranjava — eu os lia em voz alta. Bom para ambos.

Nos entusiasmávamos com aquelas estranhas aventuras de fabulosos heróis. E êle adquiria a minha idade mental, em tais ocasiões. Pois os livros, em geral, eram tremendos folhetins. Lembro-me de um: “Buridan — ou “Os Mistérios da Torre de Neslé”, de Michel Zevaco, vendido em fascículos, mas já agora um belo — um não, três — três belos volumes encadenados em couro, com lombada dourada. Quanta vez, em sonhos, me ví Buridan! Ou então acordava metido na história, lutando com meus ferozes e cruéis inimigos. Não sei se êle também terá tido tais visões. Quero crer que sim.

J. M. tinha uma espécie de amiga: Helena. Jovem loura, espigada, não muito feia, seca como uma tábua, mas de grossas pernas. De início, eu, ingênuo, não entendia bem as relações entre êles, nem porque tinha que me retirar à chegada da moça. Ficava intrigado, curioso. Achava estranho a maneira como ela o tratava, assim com um pouco de proteção maternal e superioridade. Gritava com êle e, caso único, J. M. não retrucava. Sorria. Eu achava estranho, não nego, mas levando aquilo à conta de ela ser mulher.

Nestes dias em que Helena aparecia, mesmo que estivéssemos no melhor trecho do livro, ou que êle acabasse de me dizer para continuar que estava gostando e muito interessado, J. M., de repente, se

via muito cansado, indispsto, com fortes dores de cabeça, sem vontade de continuar a leitura. Nada, me dizia, estava entendendo. Eu a insistir. Então êle me mandava embora, aos gritos. Eu saía, admirado. Com um ódio mortal da moça que assim me fazia perder tão preciosas horas de leitura. Pois "o cego", dizia eu comigo cheio de raiva, "o cego besta", repetia eu numa vingança pueril mas aliviante, não me deixava levar os livros para casa. É que eu os leria só, explicava êle. Então, zangado, ofendido, prometia a mim mesmo não retornar. Porém, no dia seguinte de manhã já me punha a rodear a livraria. Acabava entrando, com a desculpa de que êle, coitado, era cego e precisava de mim para se distrair. Calada a consciência, punha-me logo a ler. Esquecido da fragilidade do argumento.

Neste dia seguinte ao da visita de Helena, vinha encontrá-lo sempre mais bem disposto, lépido. Se desculpava, me tratava carinhosamente.

Quando, ao contrário, ela demorava em aparecer, tornava-se êle mais irritado do que já o era no normal, andando de lá prá cá, dentro do balcão, como uma fêra enjaulada, falava e falava sem que eu entendesse. (Eu não sabia que era por causa de ela não aparecer que J. M. ficava assim. Mas vagamente desconfiava).

Então, desanimado com a demora, triste, desolado, êle me mandava ler, deitava-se, pois possuía uma cama ali para "as emergências" (brigas com a família que eram constantes, ou...), se cobria todo como quem está com frio, e depois fazia estranhos movimentos sob as cobertas, onde passava grande parte do tempo, movimento que me intrigavam. Tremia, resfolegava. Só depois, quando fui aprendendo através de amigos idosos e sábidos, vim a compreender que, enquanto eu lia trechos mais excitantes da história, trechos que falassem de amor e sexo, com insinuações maliciosas ou crua realidade, então, J. M. se masturbava.

Lembro-me: Seu rosto afogueado, vermelho. Os lábios trancados. Eu lhe perguntava se estava doente. Êle mal respondia, num grunhido vago, me mandava continuar a leitura. Eu continuava.

De repente, deixava-se êle cair sôbre a cama, derreado, entregue, uma paz por todo o rosto, bagas de suor polvilhando a testa, escorrendo vagarosas por entre os vincos prematuros das faces.

Quando não tínhamos livros, contava-me fragmentos de sua existência tão precocemente inutilizada.

Fôra até os doze anos um rapaz forte como quê, robusto e brígão, inteligente e vivo. Na escola o primeiro, o primeiro nos esportes e vagabundagem. Temido por todos, gostava de maltratar pessoas e bichos. Um sádico. Mas num sadismo inato de animal jovem, que vive livremente e como quer. Estava começando a descobrir a vida. Não parava. Seus olhos admirados diante de tudo. Não estudava. Mas na aula sempre foi o primeiro, com uma grande facilidade para apreender logo o que a professora dizia.

Um dia, após o almoço — comera muito bem — atirou-se à água do rio que corria nos fundos da casa. Nadava, espadanando, aos gritos. De repente, duro, sem poder se mover, afundando, tudo a rodar em torno dêle, as águas crescendo. Atacou-o, ali mesmo, uma congestão. Tiraram-no quase morto, não sabe como. Esteve mal. Injeções, médicos, remédios diversos, diversos tratamentos, corre-corre da família. Andava-se como tonto, naquela casa. Qualquer remédio indicado, logo se tratava de fazer. Melhorara, mas não sabia explicar porque, viu-se atacado da vista. Acha que foi por demasia de remédios, complicações, muitas injeções. Sabia que estava ficando cego. E cego aos poucos, lentamente, cruelmente. Imagine-se o martírio. Para êle, uma criança tão viva, tão... E mais médicos, remédios, tratamentos, injeções. Viagens a S. Paulo, Rio. De quase nada se recorda. Só de uma como grande nuvem avançando, tomando conta dêle, mais rápida que os aviões ou ônibus onde viajavam. Vencendo na carreira. Fôra gradativamente caindo em desespero, do tamanho do negror em que despencava. E êle que estava atacado muito só de uma, com a outra ainda exergando mal e mal, acabara praticamente cego das duas. De tempos em tempos parecia melhorar — e uma como nuvem tenue lhe passava diante dos olhos mortos. Uma luz mortíça, difusa, filtrada muito ao de leve, lhe restituía a esperança. Em função desta é que ainda vivia. Mas eram esperanças rápidas, logo se esvaíam. Além de tudo — bem diz o povo, "uma desgraça nunca vem só" — acabara, em parte, aleijado.

Odiava médicos, remédios, parentes, tudo. De tudo descrendo e zombando. Amargo, sarcástico.

Às vêzes, se odiava. Escarnecia dos que acreditam em besteiras de tratamentos. Mas sempre tentava novos. Com renascida esperança.

Era uma personalidade contraditória, como outra ainda não conheci. Já de pequeno, prometia, todos me diziam, ser uma pessoa "diferente". Então, com a doença, e seu enorme corolário de complexos e recalques, às vezes nem êle mesmo se entendia. Tudo aumentado até ao máximo limite concebível.

Tinha todos os outros sentidos desenvolvidos ao extremo. Acho que como uma compensação da natureza.

Possuía sensibilidade, uma sensibilidade exacerbada.

O tato desenvolvidíssimo; o mesmo se dando com relação ao olfato.

Os nervos à flor da pele. Por qualquer coisa se punha a gritar, quase histérico; chorava enquanto eu lhe lia os tremendos dramalhões.

Um dia, simplesmente porque o delegado de polícia, há tempos atrás, houvesse reclamado dele sobre uma questão de somenos (J. M. nunca esquecia uma desfeita), então aproveitou a ocasião propícia em que o homem estava telefonando e esfaqueou-o.

Foi assim:

O telefone da delegacia encrencara. Era preciso telefonar urgentemente. O que ficava mais à mão era justamente o da casa do pai de J. M. Enquanto o delegado fazia a ligação, de costas para a porta, êle chegou, mansamente e, sorrateiro, percebeu pela voz quem era, a posição em que estava o "inimigo" chegou mais e mais, sempre sem ser percebido abriu um pequeno canivete pica-fumo que possuía e sempre carregava, ergueu a mão e mandou com força. A sorte é que o canivete, batendo de encontra à fazenda grossa, mal manejado e com o nervoso, revalou e fechou. Mesmo assim rasgou, melhor raspou o paletó perto do ombro e ainda deu também um pequeno arranhão, — no músculo.

Não consigo me recordar das conseqüências. Ou não me foram contadas? Não sei. Contudo me parece — ou estarei imaginando, construindo? — me parece que êle passou uns dias na cadeia local, vociferante como sempre, a jurar vingança e que na primeira oportunidade mataria "aquêlê cachorro de delegado".

As vezes fico a rememorar os tempos em que com êle convivi. Por fim, apesar de todas as excentricidades, estimava-o. Discutíamos, êle me contava suas máguas; foi o primeiro que me tratou de igual para igual, como homem. Eu me sentia importante, alí muito digno, ouvindo suas queixas e lhe dando conselhos. Eu tomava um ar muito sério e concentrado. Dei em tratar os demais rapazes do meu tamanho com evidente superioridade e menosprezo. E a êle assim com um pouco de compaixão. Tudo muito estudado, sofisticado, enfático. Acho agora que naquilo tudo havia também um pouco — um pouco não, muito — de convencimento, de mania de grandeza. Porque não sei. Talvez porque eu "via", era sã, êle dependia de mim mais do que eu dêle, sendo no entanto eu tão criança. Demais, todo um futuro se descortinava para mim. Punha-me a sonhar, alí ao pé de J. M., a formar castelos. Podia, tinha êsse direito, mesmo que nunca realize-se nada. Enquanto que êle — pobre coitado! — que tinha?

Com um ar meio hipócrita eu me compungia pela situação dêle. Ah, desejaria poder ajudá-lo!

Por vêzes procurava me martirizar, achava não ser justo uns serem tão saudáveis enquanto outros sofriam.

Safamos a passeio e eu me punha a comparar o meu todo sádio, robusto, com aquêlê farrapo de homem e que contudo já fôra mais forte do que eu. Por que isto? Se êle ainda era tão jovem, agora é que deveria estar começando a viver!

Acho que sentindo tanta piedade dêle — não consigo precisar porque — eu estava também sentindo piedade de todos os homens, antevendo a humanidade sofredora alí representada. Quixotesca explicação, vá lá, mas que ainda hoje me reconforta.

Um dia — isto antes que eu o conhecesse, mas já depois do "desastre" (sim, "desastre", pois não permitia que o tratassem com pie-



dade ou chamassem de cego) que o arrasara — um dia, resolveu voltar ao estudo. Já se haviam passados anos. Foi falar, para que lhe desse aula, com Dona Marizinha, ótima professora. Em pouco a mestra nada mais lhe podia ministrar. Os progressos eram espantosos. Me contaram que ele repetia no dia seguinte toda a lição aprendida no anterior. E até se dava ao luxo — ou desprate — de repetir as palavras extra-aula da bondosa senhora.

Foi daí que lhe adveio o gosto pela leitura. Uma espécie de fuga, ou lenitivo. E por azar, seu martírio aumentou. Não podia ler. (1) Tinha que se sujeitar ao capricho dos outros. Pagava aos rapazes para que lhe lessem. Mas a maioria destes, nem assim, queria, pois era "perder tempo". Ora, ler! Só que faltava. Coisa prá marica!

Custava-lhe escrever, pois tinha a mão direita um tanto dura, lenta.

E que lindas histórias escreveria! Ficava-se então a construir romances, poemas, lendas de amor. Ah, o amor! Ele era um sensual, que se contava a si mesmo ou aos esporádicos visitantes as suas histórias, onde entravam sempre belas mulheres que amavam... amavam simplesmente, amavam o amor. Sempre pensava suas histórias em voz alta, dando inflexões diversas às diversas particularidades. Ele próprio se metamorfoseava nos personagens e no leitor. Ou declamava seus poemas para um invisível auditório, com grandes gestos estudados, caprichados. (Invisível para nós, não certamente para ele que se construía uma realidade própria, num outro espaço). Sim, se construía um mundo aparte, só dele, onde vivia. Contudo não era de forma alguma um alucinado. Creio até que assim fazia precisamente para não se tornar um.

A custa de grande esforço e vontade de vencer, reeducou a mão, reensinou-a a escrever, e com uma paciência infinita copiava os seus poemas — tinha-os todos na cabeça — de um jato. Sua maior dificuldade é que não podia revisar. Para cada modificação era obrigado a recopiar tudo de novo, o que lhe causava um esforço duplo e desperdício titânico de energia.

Ficava satisfeito em que lhe lessem os poemas. Sua maior ambição era poder um dia editá-los, reuni-los em volume, arranjar dinheiro. Foi por esta época que o conheci. Falava-me sempre nisto.

Seus poemas, penso agora fazendo um esforço sobre mim, eram ingênuos, infantis, mas possuíam uma pureza inata, mesclada com amargor e desengano. Uma visão especial do mundo, uma visão de

---

(1) — Não havia, na localidade, nem a mais leve possibilidade que fôsse, de se conseguir os tais livros especiais para cegos, os Braille. Lembro-me até que um dia, em conversa, um amigo lhe perguntou porque não tratava de procurar adquiri-los. J. M. interessou-se, agradeceu, prometeu tentar. Ditou a carta que devia endereçar, se não me engano, para Santos. Não sei qual o motivo, talvez endereço incompleto, nunca teve resposta.

alguém que tentava se recordar deste nosso mundo comum, que até os doze anos a ele pertencera e que de repente se vira atirado para longe, decepada, largado só num planeta diverso. Ficava portanto como boiando, alheio a um e outro. Não assim, me dizia ele, com quem já nasce cego. Para este não existe mais nada, nunca existiu. Deve estranhar muito pouco quando lhe falam de luz, de cores, da paisagem — quando só uma paisagem, uma luz, uma cor, para ele existe, a interior. Muitas vezes me pedia explicações, durante uma leitura, do que significava tal ou tal trecho referente à beleza de uma flôr ou a uma paisagem. Já não se lembrava mais.

E queria sempre que lhe lessem mais, saber mais, se aperfeiçoar. Eu ficava horas e horas alí, lendo. Não, não por sacrifício ou bondade. Por prazer. E por egoísmo.

Contava-lhe meus planos, sonhos. Ele os escutava e comentava. Lí-lhe meu primeiro esboço de romance, uma história infame, misteriosa, aventureira, passada nos cafundós da África, com bichos ferozes e caçadores corajosos. Ele me incentivava. Ademais, me conseguia livros, livros que eu (nós) devorava, com essa sede inesgotável dos que amam ler.

Um dia, brigámos. Um motivo fútil, qualquer. Verdade é que ele estava cada vez se tornando mais insuportável. Odiava os sãos e fortes. Ou eu é que estaria mudando, crescendo, encontrando novos polos de interesse? E por isto começava a descobrir defeitos nele, como desculpa. Hoje não sei qual o certo, o verdadeiro. Pois se os defeitos, evidentes (é evidente) sempre haviam existido!

Sim, eu crescia, fazia amizades outras, mais da minha idade e com saúde, queria ser craque de futebol, ter grandes amores. Começava a me dedicar doidamente ao "União Futebol Clube" e à minha vizinha de frente: Estela.

Aproveitei a deixa que ele me atirou e encrencamos.

Por uns tempos esqueci os livros. Preocupações maiores me chamavam.

Dei em passar acintosamente diante da porta da livraria. Sabia que ele lá estava, reconhecendo meus passos e se "mordendo de raiva".

Assim correram uns tempos. Deixei Estela por Glória, mudei-me do União para o "Atlético Clube Guanabara" do qual fui ser segundo secretário.

Comecei a me preocupar com sexo, saindo do mero amor platônico. Descobrindo o sexo e seus mistérios. Foi então que conheci Helena.

Por esse tempo J. M. foi viajar.

Voltou.

Com mais alguns meses, meu pai que já andava aborrecido, tratou de levantar acampamento. Mudei-me. Esqueci o futebol, Estela e Glória, os amigos, a pequena cidade, todo o resto.

## O CONTO ESTRANGEIRO

### A TRAVIATA

por Guilherme Sule

Sei bem que não sou pássaro  
nem tenho asas miraculosas para  
sobrevocar as catedrais do mundo.  
Não sou dono dum cais cheio de  
aço e de homens...

O meu cais é diferente de  
qualquer cais dos rios e mares do  
mundo. É um cais de areia e pe-  
dras. Um resto de amarra que-  
brada.

Um cantar livre de ondas.  
Noites de estrelas coloridas só  
minhas.

Só minhas, para as dar uma  
por uma a quem não tem estrelas  
no caminho...

Um resto de amarra quebrada **Ilustração de Costa Pinheiro**  
dum barco que se foi... Um vulto  
batendo os pés na água, insultando a escuridão e gritando roucamente:

— Deixa, ao fundo do caminho há uma esperança!...

E grita para alguém... Grita um poema.

É assim o meu cais.

Sei bem que não sou pássaro para sair daqui, voar pelas serras,  
cantar em cima do catavento e fugir para longe. O sono prega-me  
ferroadas nos olhos. Não posso levantar-me da cadeira nem tirar os  
cotovelos do mármore besuntado de café.

---

Outros interesses, outras amizades e novos amores. E continua-  
va crescendo. Os anos a passar. Fui descobrindo a vida complexa, o  
mundo. Comecei a querer viver. E uma sede insaciável de sabença.

Nunca mais ví J. M.

Terá melhorado? Publicado o livro? Encontrado alguém  
que me substituisse na leitura? Mudado para uma cidade grande co-  
mo era seu plano?

Não sei! Não tive mais dêle notícias.

Como não sei porque nesta hora noturna, aqui em meu quarto,  
chegado há pouco da rua, onde dei um esbarrão num pobre cego, me  
surgem tais reminiscências...

Maio, 1950.



Este café é duma aldeia. Lá fora, na rua cheia de lama e de pé-gadas e de rastos de carros, a chuva cai. Através da montra embaçada adivinho vultos.

O dono dêste café fez-me lembrar a cara do meu avô. Há gente noutras mesas.

Jogam às damas e riem. É por isso que não cheguei a dormir.

O homem da maleta vermelha, por certo um barranquenho, bate os pés no cimento vermelho. Boina vasca amolgada na cabeçorra achatada. A maleta traz uma variedade impressionante de óculos graduados. É o homem que vende óculos para a vista. Portanto, não há necessidade de oftamologistas.

Experimentar até servir, eis a etiqueta.

Mas o homenzinho parece arreliado:

— Carago! Carago!...

Ferra um pontapé na maleta e olha, enviezado, o velho do pelico. O velho do pelico sorri-lhe cinicamente. O velho do pelico também foi vendedor ambulante de óculos para a vista.

Não cheguei a dormir, mas não posso coordenar ideias. Se tivesse dormido, seria um pássaro grande, amarelo e verde, voando sobre as serras...

Num canto, homens discutem casos de contrabando. Recordo-me dum moço triste, carregado de café e sacarina, morto de costas... Subia a ladeira barrenta, logo após a ribeira, confiado na escuridão, nos seus passos firmes. Uma ave da noite cantou. A bala enfiou-lhe nos pulmões. Rolou, fez-se um rolo de barro vermelho e mergulhou nas águas amarelas da ribeira...

A chuva continua a cair. Entra mais gente. Buteç enlameados ferem o cimento vermelho.

— Ó patrão, aí um café!

O homem bexigoso, "chauffer" da carreira, encosta-se ao balcão.

A luz da tarde tornou-se luz de incendio. É invulgar esta luz de sol. Parece vista através dum vidro cor de mel.

Pedi outro café. O café é agressivo aos meus nervos. Não importa. Preciso de regressar ao meu cais escuro, excitado, com alguma coisa que gritar.

Agora, os meus olhos fixam uma rapariga e um velho. Entram no café. O velho é cego e trás os bicos do chapéu velho pingando água. O sobretudo roto, preto, pinga água. A guitarra molhada. A madeira da guitarra é cinzenta. A rapariga tem pouco mais que nove anos e é espanhola. Páram no meio da sala. Ela enfrenta o exódo dos homens serenamente. Prática serena de muitos cafés e muitas adegas e muitas ruas de muitas aldeias. Prática de convencer até a própria "Guardilla".

Olhos azulados e o cabelo foge para o cépia. As vestes, molhadas, igualam as mantas dos boieiros feitas de retalhos. Sapatos de salto alto, verdes.

Tem um ar de mulher. Um ar grave de mulher da rua...

Da forma como estou, deixei de ser pássaro, de pensar mesmo em ser pássaro, e fiquei extático. Observo-os como se fossem imagens de pesadêlo.

A princípio, o rosto magro do cego e ela comoveram-me. Duas personagens mais para a "cidade cinzenta sem sol"... Cidade de ruínas, ruas cheias de erva e de noite e de buracos dos bombardeamentos. Cidade povoada de milhares de personagens assim, onde o sol há-de nascer, há-de rebentar, profuso, por debaixo da neblina rasteira...

Depois de a ver sorrir para os homens, ar grave de mulher da rua, apeteceu-me gritar-lhe:

— Deixa, ao fundo do caminho há uma esperança!...

Deixa, digo, irás para o meu cais escuro e esperaremos pelo barco que se foi...

Ao menos, ali, teremos a corda de amarra para o segurar quando surgir no cais...

Olha, levo-te a passear para a minha "Cidade Cinzenta Sem Sol" e cuidaremos de fazer nascer flores mesmo sem sol...

Continuo confuso e embaraçado. Os cabelos brancos do cego, pulando a gola suja do sobretudo, lembram-me a cabeça distinta dum maestro célebre.

A guitarra gemeu qualquer coisa. Os homens recebem o gemido com desinteresse. A rapariga endireita a cabeça. A vozita rebenta, sem esforço, galga a barreira de rostos graves, redomoinha na casa e some-se na rua.

Reconheço, espantado, que canta a Traviata. Há uma nota feliz no rosto do velho cego. Nos agudos a vozita arranhou.

Observo a risota dos assistentes.

"Que diabo de música é esta?!"

O motorista da carreira passa e deita uma moeda no chão.

— Gracias, senhor...

O interesse mostrado pelo gentio, esfuma-se. Os que jogavam, tornam. O barranquenho abre a maleta sob os olhinhos piscos do dono do café.

Reparo na expressão triste, depois desesperada, da rapariga.

— Ca raio de língua de trapos é essa, pariga!? — berra o velho do pelico.

Deu-me vontade de esmurrar o velho do pelico.

— Músecas do diabo, músecas de Juan, tá visto!...

Diz um homem.

Juan é o cego. Juan, disse outro homem, foi professor de música. Chefe de banda, teima um. Ná, mestre da maior banda da Espanha, afirma outro.

Maestro, talvez queiram dizer.

Sntão, a rapariga toca no cego, a guitarra entrega outro toque, o corpo dela dessengonça-se, exhibe castanholas, bota os pés e todos se voltam

Agora sim. Agora é um "espanholado".

O corpo de retalhos gira e pára. Batedeira de pés, tronco movendo-se, castanholas repenicando. Atira para o ar um "salero" bem dobrado que anima expressões e movimentos.

O barranquenho está contente e faz caretas ao som da guitarra.

A tal nota feliz no rosto do cego diluiu-se. Está rígido, sabedor.

Os olhos dos homens fixam o corpo desenvolvido da rapariga. As saias levantam e aparecem as pernas escuras e magrinhas.

Tudo terminou. O peditório rendeu pouco.

Quanto a mim, saí, furioso, depois de esmurrar o mármore da mesa, porque não tinha dinheiro.

Parou de chover. Nas casas e nos telhados a tal luz da tarde, amarela, viva, recorta pedaços de fogo. Parecem pinceladas de tinta. As caras das pessoas ganham palidez.

Sigo pela rua principal da aldeia. A lama agarra-me as botas. Não sei porque é que a miudagem grita, no meio da rua, olhando o céu cinzento:

— Velha, velha a tarde!...

Atiram bólinhas de lama uns aos outros.

Fóra da aldeia, a casa de pedras escuras, surge detrás de duas enormes figueiras. Que curioso os troncos das figueiras barrados de branco.

"É por monde a doença", diz um vizinho meu.

— Velha, velha a tarde!...

A gritaria fica para trás.

Abri a porta. Sentados ao lume, três homens. A rapariga alta frita ovos. É minha mulher. Sentei-me e pouco liguei à presença dos três homens. São meus companheiros. Somos lobos. Temos que esperar a noite, mesmo que a "velha à tarde" se lembre de nos presentear com alguma chuvada.

Minha mulher olha-me fixamente. Fico a olhar as labaredas. O rosto e o corpo magro da espanholita dançando. Dança dentro do meu sentido, cai, e o dinheiro não cai no cimento vermelho. No meu cais escuro vejo-a sentada. O velho da guitarra dirige a orquestra do mar... A mesma nota feliz no rosto.

— Partimos?

Aliso os cabelos e olho aparvalhado os meus companheiros.

— Partimos, sim.

Os meus companheiros saiem para o quintal.

— Come, ao menos, estes ovos..

Consolei a minha raiva e o meu "porquê" nos olhos profundos de minha mulher.

Achei-me dentro dela e passei-lhe a mão pelo rosto...

Aqui vamos. Eu e os meus companheiros. Agora não sou pássaro verde e amarelo.

Subimos a encosta enlameada da serra. Não se vê palmo adiante do nariz. Mas sabemos o caminho, mesmo às cegas. Lá adiante, temos a ribeira. Vamos bem recheiados de contrabando. Talvez eu seja o moço triste, baleado na ladeira barrenta...

Antecipo-me nas personagens do meu cais e da minha cidade cinzenta sem sol. Talvez eu role e mergulhe na água suja da ribeira... seja levado às ondas que batem no meu cais... grite um poema. Beije os olhos da rapariga espanhola. Dê luz aos olhos do cego, para o cego ver pássaros amarelos e verdes... Faça nascer o sol para a "cidade cinzenta". Pobre diabo que sou.

Subo uma colina, às cegas, mas sabendo o caminho. E não reconheço que não posso ir além de mim porque o meu cais tem uma amarra quebrada...

Subimos por entre esteva. Doem-me os olhos, porque há duas noites que não durmo. Os meus companheiros seguem-me. Parece-me que os personagens da "Cidade cinzenta" gritam, além das serras:

— Deixa, ao fundo do caminho há uma esperança!...

Gritam para mim.

A rapariga atravessa o barranco. Os olhos azulados faiscam:

— mesmo que seja por um trilho escuro...

Conforto-me. Já não tenho pena de não ser pássaro. Contento-me com a areia e as pedras do meu cais e que a areia e as pedras do meu cais são mais do que eu próprio.

Portanto, vou além de mim.

Já não penso em ser baleado na subida barrenta da ribeira...

Lisboa, Portugal, 26 de Outubro de 1951.

## REPORTAGEM

### SÔBRE O MUSEU DE ARTE MODERNA DE FLORIANÓPOLIS

UMA IDEIA DO ESCRITOR MARQUES REBELO ENCONTRA APÓIO NOS GOVERNOS CATARINENSES. HISTÓRICO. OS SECRETÁRIOS DA EDUCAÇÃO — ARMANDO SIMONE PEREIRA, JOÃO JOSÉ DE SOUSA CABRAL E JOÃO BAYER FILHO — LIGAM SEUS NOMES E SUAS ATIVIDADES À VIDA DO MUSEU. FINALIDADES DO MUSEU. COM A PALAVRA MARQUES REBELO. AS ATIVIDADES ATUAIS E OS PLANOS FUTUROS — EXPOSIÇÕES, CONFERÊNCIAS, CURSOS E UM PRÉDIO PRÓPRIO.

#### HISTÓRICO

O Museu de Arte Moderna de Florianópolis foi criado pelo Decreto n. 433, de 18 de março de 1949, no Governo Aderbal Ramos da Silva, por sugestão do escritor Marques Rebelo.

Ocupava, aquela época, a Secretaria da Educação o Dr. Armando Simone Pereira.

Designada uma Comissão, composta dos intelectuais Henrique Stodieck, Marques Rebelo, Wilmar Dias, Rubens de Arruda Ramos, Hamilton Abade Ferreira e do pintor Martinho de Haro, para determinar providências necessárias ao seu funcionamento, o mesmo se

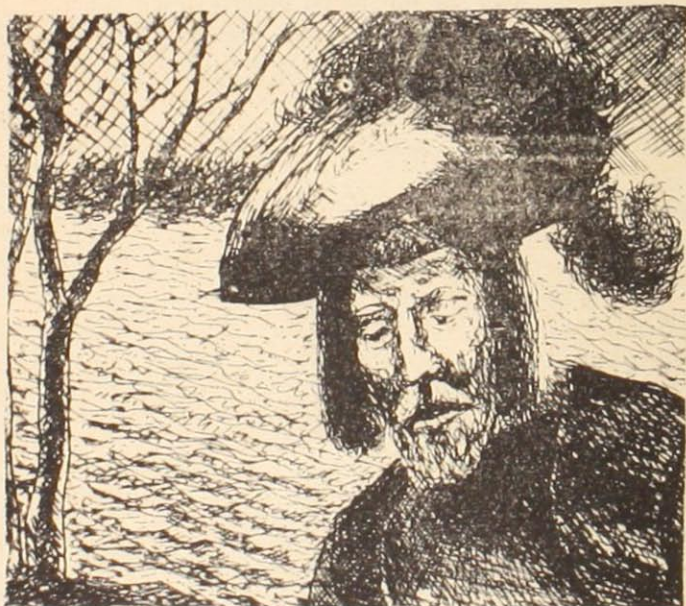
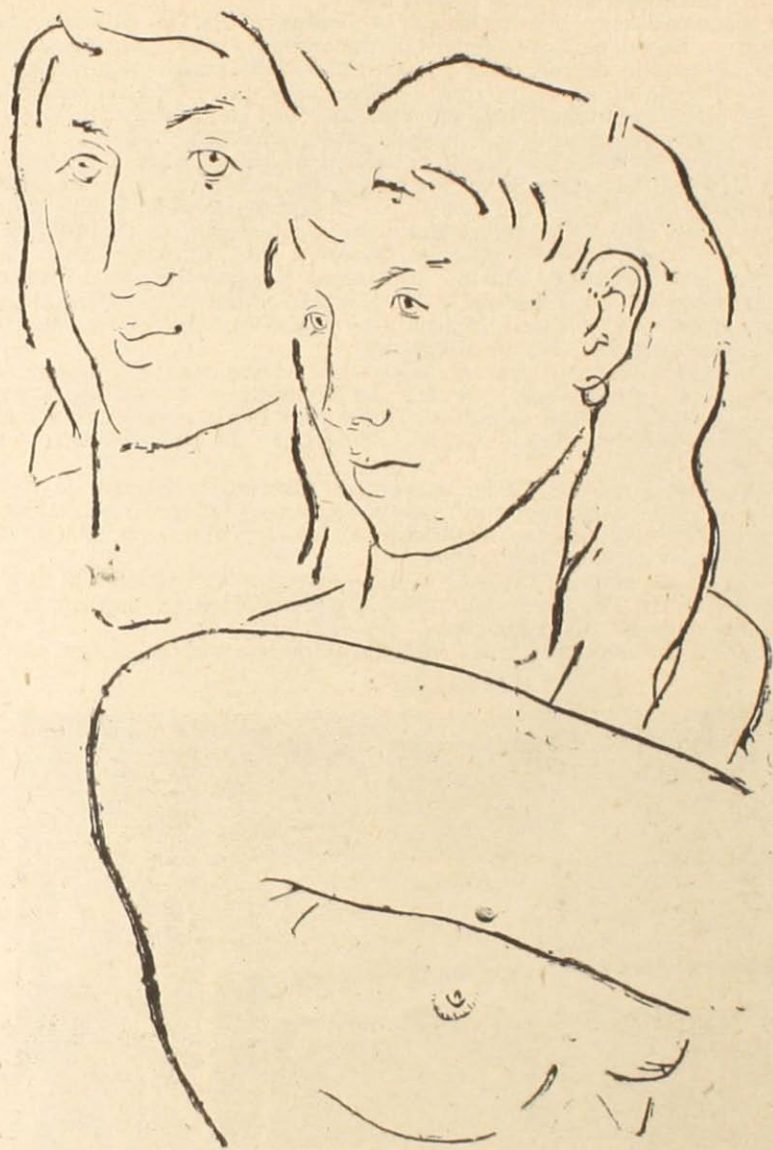


Ilustração — O. Goeldi





Desenho — Aldari Toledo

deu imediatamente à criação, instalando-se no pátio interno do Grupo Escolar Dias Velho, sob a guarda e responsabilidade de sua Diretora Profa. Julieta Torres Gonçalves.

Aí funcionou por mais de um ano.

Posteriormente, foi designado o Professor Salvio Oliveira para dirigir o Museu de Arte Moderna, iniciando-se, então, intensa atividade no sentido de conseguir novas e mais adequadas instalações.

A direção atual, conta com a cooperação da Srta. Eunice Rihl e do Sr. Aldo Domingues, que exercem funções de secretaria, bem como com um grupo de intelectuais e artistas da nova geração.

O Governo do Sr. Irineu Bornhausen na pessoa do Sr. Secretário da Educação Dr. João José de Sousa Cabral, incentivando o movimento cultural do seu Estado, deu ampla liberdade de ação à direção do Museu, que, com a eficiente e definitiva cooperação do Deputado Federal Dr. Jorge Lacerda, pôde iniciar nova fase de atividades.

A Casa de Santa Catarina, na pessoa de seu ilustre Presidente Desembargador Henrique da Silva Fontes, contribuiu valiosamente, com a cessão de excelente sala para as novas instalações do Museu.

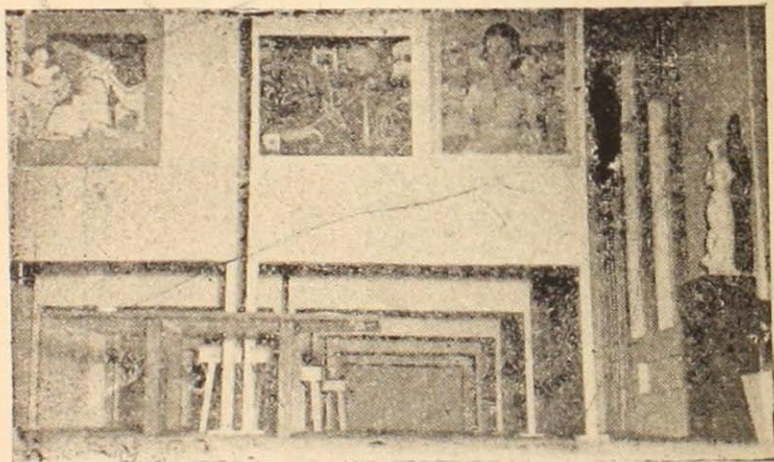
Iniciaram-se, então, as atividades.

Movimentaram-se quantos se faziam necessários e surgiram as colaborações espontâneas dos Srs. Dr. Domingos Trindade, Diretor da D. O. P.; Dr. Sebastião Neves, Diretor da Penitenciária do Estado e Profa. Osvaldina Cabral Gomes, Diretora do Departamento de Educação.

Antônio Lopes de Faria, bolsista do Estado na Escola de Belas Artes de São Paulo, projetou as novas instalações do Museu. Dentro do possível, com ligeiras modificações, foi o projeto executado, sob a orientação de Aldo Domingues.

No dia 15 de abril de 1952, o Museu de Arte Moderna, ainda que modesto, abriu seu salão de exposição permanente ao público, inaugurando suas novas instalações.

A ocasião não seria mais própria, para lembrarmos, aqui os no-



Vista parcial do Museu, em suas novas instalações



Pan — Aldemir Martins

mes de seus benfeitores que, através de doações ou de trabalhos, merecem a sua gratidão.

Marques Rebelo, nunca será demais repetir o seu nome, razão da existência do Museu de Arte Moderna, encabeça a lista, que se segue assim: Aderbal Ramos da Silva, Armando Simone Pereira, João José de Sousa Cabral, Adalberto Tolentino de Carvalho Jorge Lacerda, F. Inácio Peixoto, Adhemar de Barros, Flávio Aquino, Julieta Ramos, Nilma Pancetti, Roberto Assunção, Bruno Giorgi, José Silveira D'Ávila. Artistas Expositores da Exposição de Pintura Contemporânea, em 1948, José Nery, José Maria, Santa Rosa, Aldemir Martins.

## FINALIDADES

O Museu de Arte Moderna de Florianópolis, deverá ter por fim: reunir, em sentido patrimonial, obras de artes plásticas de autores contemporâneos nacionais e estrangeiros, por compra ou doação, ao critério de uma Comissão de Orientação designada, em caráter permanente, pelo Governo do Estado de Santa Catarina, com atribuição reguladas por estatuto.

Receber, anualmente, pelos menos um trabalho de cada bolsista do Estado no setor das Artes Plásticas entrando esses trabalhos para acervo artístico do Museu, a critério da Comissão de Orientação. Entende-se por acervo artístico do Museu o conjunto de peças de suas coleções permanentes.

Manter abertas ao público suas salas de exposição, para promover a divulgação dos valores plásticos contemporâneos.

Promover a realização de exposições individuais ou coletivas de valores plásticos de qualquer nacionalidade, a critério da Comissão de Orientação.

Promover a realização de conferência, ou ciclos de conferências, debates e estudos sobre temas relacionados — com as artes plásticas em geral.

Manter, anexo ao seu patrimônio de peças originais, uma coleção de reproduções de obras primas da pintura de todos os tempos, cuja finalidade é orientar o público no conhecimento dos princípios eternos das artes plásticas.

Favorecer a existência de cursos livres de desenho, pintura e escultura dentro do Museu, com professores, a critério da Comissão de Orientação, que não perceberão proventos dos cofres públicos.

Conseguir que tenha sede própria convenientemente edificada, dentro das normas funcionais mínimas requeridas para instituições dessa natureza: e que sejam criadas, nas cidades do interior do Estado, instituições congêneres.

Promover, dentro das suas possibilidades, o intercâmbio com seus congêneres nacionais ou estrangeiros, oficiais ou não.

Organizar uma Seção de Arte Popular, especialmente de arte popular catarinense.

Instituir a realização de certames no meio estudantil, como fim de despertar e estimular vocações artísticas.

Imprimir e distribuir publicações relativas às artes — plásticas, quando aprovadas pela Comissão de Orientação, especialmente um "Boletim", pelo menos anual.

Interessar-se também, pela propagação dos bons princípios estéticos relativos à música, ao teatro e ao cinema, favorecendo espetáculos, conferências, debates e outras atividades neste sentido.

Ceder, com o assentimento da Comissão de Orientação parte ou total de suas salas de exposição.



O ex-Secretário de Educação, Dr. João José de Souza Cabral  
e o Deputado Federal Dr. Jorge Lacerda

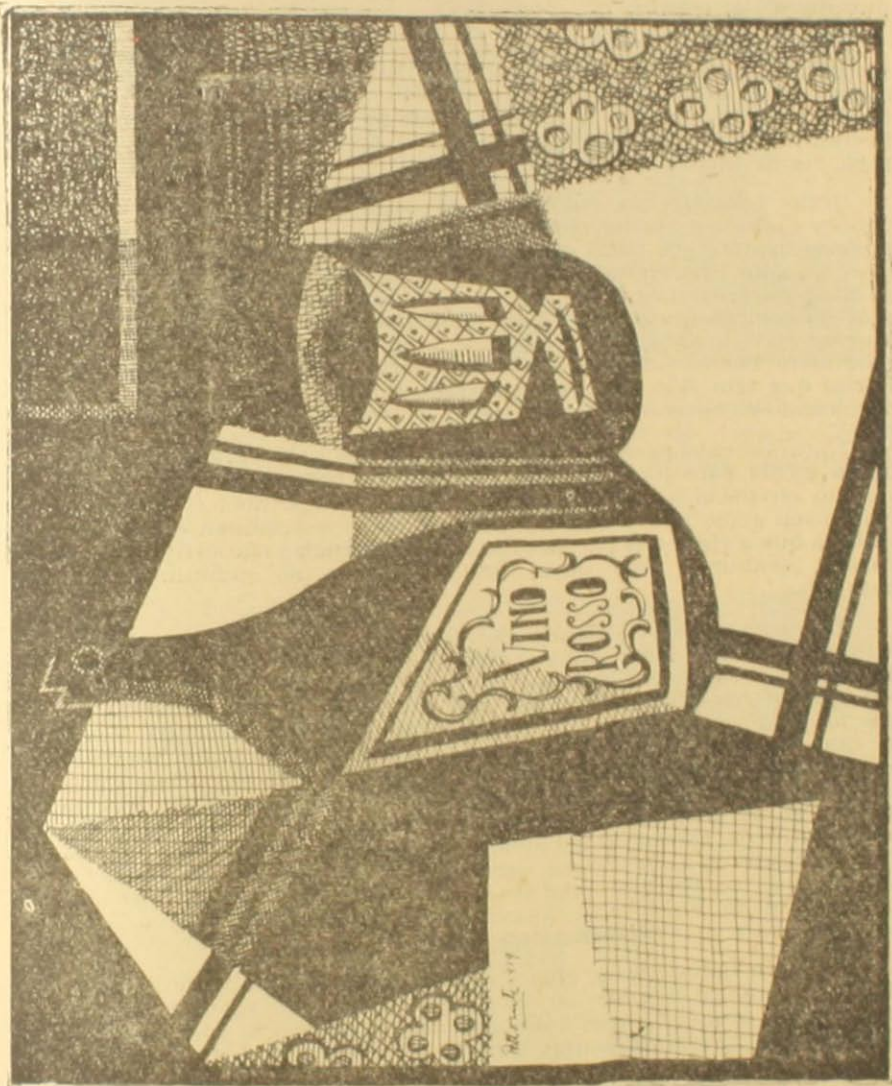


O Museu visto de outro ângulo

## A C É R V O

O Museu de Arte Moderna, atualmente, possui a seguinte coleção permanente:

N.	AUTOR	TÍTULO	DIMENSÕES
1	R. BURLE MARX	Composição Abstrata (Óleo)	0,73 x 0,60
2	DJANIRA G. PEREIRA	Parque de Diversões (Óleo)	0,74 x 0,60
3	JOSE PANCETTI	Retrato de Marina (Óleo)	0,61 x 0,74
4	ATHOS BULCAO	Flores (Óleo)	0,50 x 0,60
5	JOAQUIM FIGUEIRA	Paisagem (Óleo)	0,45 x 0,36
6	MÁRIO ZANINI	Cais (Óleo)	0,39 x 0,29
7	A. R. RIZZOTTI	Composição (Óleo)	0,90 x 0,75
8	IBERÉ CAMARGO	No campo (Óleo)	0,54 x 0,45
9	JOSÉ MORAIS	Composição (Óleo)	0,33 x 0,41
10	LULA CARDOSO AIRES	Dança do Engenho (Óleo)	0,72 x 0,58
11	N. NOBREGA	Índios (Óleo)	0,60 x 0,86
12	OSCAR MEIRA	Cabeça de Cristo (Gutche)	0,30 x 0,32
13	FULVIO PENACCHI	Cena Sacra (Óleo)	0,72 x 0,51
14	VOLPI	Rua (Óleo)	0,37 x 0,59
15	RUBEN CASSA	Flores (Óleo)	0,50 x 0,63
16	LUCIA SUANE	Costumes Pernambucanos (Óleo)	0,80 x 0,64
17	REMBRANDT	Jovem na Janela (Reprod.)	0,56 x 0,86
18	VELASQUEZ	Infanta Margarita (Reprod.)	0,45 x 0,54
19	BRUEGHEL	Dança de Bodas (Reprod.)	0,36 x 0,27
20	CEZANNE	Vaso de Flores (Reprod.)	0,42 x 0,52
21	MARIE LAURENCIN	No Parque (Reprod.)	0,36 x 0,50
22	RENOIR	A Menina com o Regador (Reprod.)	0,56 x 0,78
23	RENOIR	Retrato de Mulher (Reprod.)	0,26 x 0,32
24	GAUGUIN	La Olana Maria (Reprod.)	
25	VAN GOGH	Quarto (Reprod.)	0,54 x 0,43
26	PICASSO	Os amantes (Reprod.)	0,38 x 0,51
27	HENRI MATISSE	"Sun Parlor" (Reprod.)	0,48 x 0,58
28	PICASSO	"Le biscuit" (Reprod.)	0,52 x 0,68
29	RAUL DUFFY	Janela aberta em Nice (Reprod.)	0,50 x 0,71
30	JAN ZACH	Caminho (Aquarela)	0,68 x 0,58
31	AUGUSTO RODRIGUES	Figuras (Des. e côr)	0,28 x 0,34
32	JAN ZACH	Cavalo (Aquarela)	0,61 x 0,40
33	JOSÉ MARIA	Cenário (Aquarela)	0,22 x 0,16
34	JOSÉ NERY	Paisagem (Aquarela)	0,19 x 0,17
35	ALDARY TOLEDO	Figuras (Desenho)	0,45 x 0,83
36	NOEMIA MOURÃO	Mãe e Filho (Desenho)	0,34 x 0,24
37	ALDEMIR MARTINS	Fan (Desenho)	0,32 x 0,24
38	TOMAZ SANTA ROSA JUR.	Figuras (Desenho)	0,53 x 0,31
39	NOEMIA MOURÃO	Nu (Desenho)	
40	EMILIO PETTORUTI	"Vino Rosso" (Desenho)	0,30 x 0,24
41	VERA ASSUNÇÃO	Flores (Desenho)	0,48 x 0,55
42	JOSÉ SILVEIRA D'ÁVILA	Minas-Januária (Água-forte)	
43	JOSÉ SILVEIRA D'ÁVILA	Gatos (Água-forte)	
44	JOSÉ SILVEIRA D'ÁVILA	Lavadeira (Ponta-Seca)	
45	ALFREDO KUBIN	Pescaria (Litogravura)	0,38 x 0,25
		Ilustração (Desenho)	0,20 x 0,19
46	TOMAZ SANTA ROSA JUR.	Ilustração (para um poema de Castro Alves) (Desenho)	0,18 x 0,18
48	BRUNO GIORGI	A máscara e o rosto (Escultura)	Altura - 0,90



Vino Rosso — Petorutti

## COM A PALAVRA MARQUES REBÉLO

Continuando a conversa de ontem, temos a notificar que, além da luz e do Hotel Lux, a outra melhoria florianopolitana constatada pelo cronista é a sede do Museu, que foi condignamente inaugurada durante a sua estadia.

Mas, como antes de mais nada é preciso encher linguíça, porque ter uma coluna diária para manipular não é sopa, não, engrossemos a conversa contando que o Museu foi idéia cá do dégas, em 1948, quando foi a Santa Catarina a convite do amigo Simone Pereira, que era Secretário da Educação e que agora está dando um voltejo pela Europa, numa missão econômica.

Jorge Lacerda, que então não era ainda deputado, foi quem convenceu Simone da utilidade da exposição e depois da do Museu — joguemos confete em todos que merecem. E conseguidas algumas doações, a maior delas feita pelo governador Ademar de Barros, instalou-se temporariamente o Museu de Arte Moderna de Florianópolis, depois do competente decreto governamental, num vestibulo do Grupo Escolar Modeio Dias velho, cabendo à incansável diretora d'este, Dona Julieta Torrês Gonçalves, a incumbência de zelar pelo patrimônio inicial que tem sido sempre engrossado por pessoas de boa vontade, destacando-se entre elas o Adalberto Tolentino de Carvalho.

Naturalmente pessoas muito sábias acham uma vergonha que, — numa escola para formação de catarinenses ilustres, as paredes estivessem envilecidas por tantos mostrengos e disparates e manifestavam o seu apóio à arte clássica, como assunto mentalmente saudável, embora que a rigor nas paredes das suas residências não estivesse pendurada nenhuma peça dessa natureza, nem de nenhuma outra natureza.

Em compensação, alguns desmiolados asseveravam que bem mais deseducados mostrengos e disparates eram o estilo da catedral de Florianópolis e as decorações do palácio do governo. E entre esses dois interessantes pontos de vista, o Museu foi se arrastando, até que na atual administração do Sr. Irineu Borhausen foi dada a sede de que ele precisava, com as condições mínimas de que necessita um pequeno museu e tudo por obra e esforço do já deputado Jorge Lacerda, do Secretário da Educação, o prezado amigo João José de Sousa Cabral, do Sálvio de Oliveira, que é diretor do Museu e alto funcionário da Educação estadual e ainda o boníssimo desembargador Henrique da Silva Fontes, que encontrou, na Casa de Santa Catarina, onde se abrigam também, o Instituto Histórico, a Comissão Catarinense de Folclore, a Associação de Jornalistas, etc., o lugar adequado para a permanência do Museu.

O ato da inauguração, com a presença das altas autoridades, foi simples, florido e decente — houve apenas dois discursos pequenos. Não houve coquetel, nem senhoras desvairadamente elegantes. Se algumas das damas presentes também detestavam a arte moderna, louvado seja Deus, que o fizeram com menos alarido e sem nenhum adjetivo de admiração diante dos quadros, como parece ser moda na praça do Rio de Janeiro.

(Conversa do Dia" — ("Ultima Hora") Rio 25 de abril de 1952)





Conversam os srs. ex-Secretário da Educação, Deputado Jorge Lacerda, Prof. Sálvio de Oliveira, Diretor do Museu; Jason Cesar, do Teatro Catarinense de Comédia e Aldo Domingues.



Grupo onde se veem D. Osvaldina C. Gomes, Diretora do D. E., acompanhada da sra. d. Ondina Nunes Gonzaga e das pessoas que visitavam o Museu em sua pré-inauguração

## ATIVIDADES

### EXPOSIÇÃO ALDARY TOLEDO

Logo após a inauguração, em menos de um mês, o MUSEU iniciou suas atividades com a EXPOSIÇÃO DE DESENHOS DE ALDARY TOLEDO, artista brasileiro, participante de numerosas exposições no estrangeiro, já como artista, já como arquiteto. Suas obras figuram no Museu de Belas Artes de Buenos Aires, Museu de Belas Artes de La Plata, Museu de Belas Artes de Cataguases, Museu de Arte Moderna de Rezende, Museu de Arte Moderna de Florianópolis e na Coleção do British Council de Londres.

A Exposição, composta de dois retratos a pastel, e dezoito desenhos alcançou grande sucesso, na sua curta permanência (14 a 24 de maio).

### EXPOSIÇÃO DE ARQUITETURA

Sob a orientação do ilustre arquiteto e notável urbanista — Professor Graeff — catedrático da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Rio Grande do Sul, no mês de junho, será inaugurada a exposição de trabalhos de seus alunos.

Uma série de conferências será efetuada, também nessa ocasião.

### JAN ZACH

O grande artista tcheco, no mês de junho ou em julho, ocupará a sala de Exposição do Museu de Arte Moderna, com uma de suas exposições.

### OUTRAS EXPOSIÇÕES

Estão programadas, ainda, duas exposições, para o corrente ano, compostas de originais doados ao Museu pelos seus amigos Deputado Jorge Lacerda, Senador Ivo de Aquino e Arquiteto Flávio de Aquino.

Dentre as doações feitas pelo Deputado Lacerda constam dois autênticos Portinari.

### CURSOS E CONFERÊNCIAS

Das atividades do Museu, encontram-se em fase de planejamento os programas de cursos e conferências sobre arte, que serão entregues a artistas e críticos de nomeada de todo o País.

### AMPLIAÇÃO DO MUSEU

Para finalizar, convém falar no grande interesse do atual Governo do Estado de Santa Catarina, em dotar o Museu de melhores instalações.

Enquanto não se torna possível este empreendimento o Secretário do Interior e Justiça, Educação e Saúde, já autorizou a direção do Museu a ampliá-lo, ocupando mais uma sala da Casa de Santa Catarina, no que obteve a valiosa colaboração do Desembargador Henrique da Silva Fontes.

Já foram iniciados os trabalhos de adaptação da nova sala, que será destinada a exposição e à administração do Museu.

E. M. R.



**Retrato de Marina — Panceti**

## RECEBEMOS E AGRADECEMOS: —

### REVISTAS

**Revista da Guaira** — Ano III ns. 32 jan. e 33 fev., ano IV n. 34 março 1952 — Curitiba — Paraná.

**Revue de la Politique Mondiale** — Ano II ns. 25 e 26, dezembro de 51; ano III, ns. 1, 2 e 3, janeiro 4, fevereiro, 6 — março de 52 — Belgrado — Iugoslávia.

**Ariel** — Cuaderno Mensual de Literatura y Artes Plásticas — Segunda Época — ns. 5, novembro de 51 e 7, janeiro de 52 — Guadalajara, Jalisco — México.

**Clã** — Revista de Cultura — Ano IV, n. 11, dezembro de 51 e ano V, n. 12, fevereiro de 52 — Fortaleza — Ceará.

**O Reflexo** — Revista da Juventude Israelita Brasileira — Ano IV, n. 24 — jan. — fev. de 52 — S. Paulo.

**Investigações** — Revista do Departamento de Investigações — Ano III, ns. 34, outubro e 35, novembro de 51 — São Paulo.

**Evolução** — Ano I, n. 4 — fevereiro de 52 — Rio do Sul — Santa Catarina.

**O Avicultor** — Bimestral de Sociedade Catarinense de Avicultura — Ano IV, n. 1 — dezembro de 51 — Florianópolis — Santa Catarina.

**Itinerário** — publicação mensal de letras, artes, ciência e crítica — Ano X, ns. 116 — outubro, 117 — novembro e 118 — dezembro de 51 — Lourenço Marques — Moçambique.

**Árvore** — folhas de poesia — 1º fascículo — outono de 1951 — Lisboa — Portugal.

**Boletim Música Y Artes Visuales** — Departamento de Asuntos Culturales — ns. 21 — novembro, 22 — dezembro de 51 e 23 — janeiro de 52 — União Panamericana — Washington 6, DC — USA.

**Programas do Clube Português de Cinematografia** — ns. 105 a 108 — Cine Clube do Porto — Portugal — 1952.

**Boletim Trimestral** — Comissão Catarinense de Folclore — Ano III — n. 11 — março de 1952 — Florianópolis — Santa Catarina.

**Boletim Foto-Cine** — Foto-Cine Clube Bandeirante — Ano IV, ns. 66 — outubro e 67 — novembro 51 — São Paulo.

**O Radical** — Semanário noticioso — Ano I, n. 5 — dezembro 1951 — Garanhuns — Pernambuco.

**The Hudson Review** — Vol. IV, n. 4 — Inverno de 52 — New York — USA.

**Portvcale** — Revista de Cultura — 3ª. série — Volume 1º — ns. 1-2 — 1951 — Porto — Portugal.

**Caçara** — letras e artes — Ano I, n. 10 — março de 52 — Marília — S. Paulo.

**Revista da ABDE** — Secção de São Paulo — Ano 1 n. 1 — março — abril 1952 — S. P.

**Árvore** — folhas de poesia — 2º fascículo — inverno de 1951-52 — Lisboa — Portugal — Dedicado à memória do poeta Sebastião da Gama.

**Revista Branca** — n. 21 — abril 1952 — Rio.

**Jornal do Povo** — Suplemento literário — Ano 2 — n. 8-9 — Ponte Nova — Minas Gerais.

**Távola Redonda** — folhas de poesia — 1ª série — fascículo 11 — Lisboa — Portugal.

**Fundamentos** — Revista de Cultura Moderna — Ano 4, n. 27 — Maio de 1952. São Paulo — Número dedicado ao 5º centenário Leonardo de Vinci.

### LIVROS:

**Atalho Proibido** — novela — Brenno Silveira — Coleção Novelas do Mundo n. 2 — Edições Melhoramentos — São Paulo — 1951.

**Santa Joana — teatro** — G. B. Shaw — tradução de Diná Silveira de Queirós. Edição Melhoramentos — S. Paulo — 1951.

**O Silêncio das Horas** — contos — Aluizio Furtado de Mendonça

— Edições "Revista de Letras" — Natal — Rio Grande do Norte — 1952.

**Yo Fui Secretário de Trujillo** — José Almoína — Ed. y Distr. Del Plata — Buenos Aires — Rep. Dominicana. (Doação da Univ. de Sto. Domingo).

**Los Hospitales Antiguos de la Española** — Erwin Walter Palm — Ciudad Trujillo — Rep. Dominicana — 1950. (Idem).

**Juan Isidoro Jimenez Guillon el Terrorista Cobarde** — Tomas Hernandez Franco — Editora Montalvo — C. Trujillo — Rep. Dominicana — 1945 (idem).

**Estación del Agua** — poema — Héctor Pérez Reyes — Rep. Dominicana — 1951 (idem).

**Estampas de Nuestra Democracia** — Emilio Garcia Godoy — Rep. Dominicana — 1951. (Idem).

**La Isla Iluminada** — J. A. Osório Lizardo — Rep. Dominicana (Idem).

**Hojas en el Camino** — (a Pátria desde el aula) — Fernando Forteza — Rep. Dominicana — 1947. (Idem).

**Discursos, Mensagens, etc.** e vários outros folhetos, doados pela Biblioteca da Universidade de Santo Domingo — República Dominicana.

**Composições Poéticas** — Arframbá — São Paulo — 1950.

**A Setembrizada** — Milton F. de

Mello — Diretoria de Documentação de Cultura — Prefeitura Municipal do Recife — 1951.

**Canto a la Bandera Cubana** — poema — Ramón Alvarez — Silva — Habana — Cuba — 1950.

**Dia Pan-Americano** — Manual — União Pan-Americana — Washington, DC — USA — 1952.

**O Mundo dos Outros** — Histórias e Vagabundagens — José Gomes Ferreira — Centro Bibliográfico — Lisboa — Portugal — 1950.

**Poema Soturno de Minas Gerais** — Reynaldo Bairão — São Paulo — 1952.

**Três Poemas** — Eunice Tavares — Buenos Aires — 1951.

**Poemas** — Felícia Caldeira — Lisboa — Portugal — 1950.

**Rumor** — Antônio Luís Moita — Edições "Árvore" — Lisboa — Portugal — 1951.

**Don Quixote de la Mancha** — Cervantes — Adaptação de Pedretti Neto com ilustrações de G. Doré — Edição Melhoramentos — S. P. — 1951.

**Secura Verde** — Albano Martins — poemas — Lisboa — Portugal — 1950.

**Nem Tudo Está Perdido** — Contos — Zedar Perfeito da Silva — Segunda edição revista pelo autor — Gráfica "Diário da Manhã" — Florianópolis — 1952.

**GRÁFICA 43 S. A.  
INDÚSTRIA E COMÉRCIO**

**MATRIZ**

Rua 15 de Novembro, 533  
Caixa Postal, 90 — Fone 1085  
Blumenau — Sta. Catarina  
End. telegr.: "Siewert"

**FILIAL**

Rua João Pinto 9-A  
Fone 1.407 — C. Postal, 309  
Florianópolis — Sta. Catarina  
End. telegr.: "Siewert"

Impressos em tipo — Litografia e Ofsett — Livraria —  
Papelaria — Artigos de Escritório e Escolar

**COMPANHIA MADEIREIRA SANTO AMARO  
INDÚSTRIA E COMÉRCIO "CIAMA"**

Santo Amaro da Imperatriz — Sta. Catarina — Brasil  
End. Tel. CIAMA — Madeiras de Pinho em geral  
Exportadores para os mercados nacionais e estrangeiros  
Cinco Serrarias próprias em Urubici e Bom Retiro  
Indústria de Beneficiamento de madeira — Caixas  
desarmadas — táboas brutas — cabos de vassoura —  
quadrados — reserrados aparelhados — fôrro  
paulista — Aplainados.

**LIVRARIA E PAPELARIA RECORDE LTDA.**

Material de Escritório e Escolar — Artigos para presente

Brinquedos — Revistas — Figurinos

Rua Felipe Schmidt, n. 14 — Caixa Postal, 70

FLORIANÓPOLIS — STA. CATARINA

**"UM PAÍS SE FAZ COM HOMENS E LIVROS"**  
Monteiro Lobato

**L I V R A R I A L I D E R**  
(Antiga "ROSA")

Rua Deodoro, 33-A — Florianópolis

A serviço da cultura e educação da mocidade catarinense.

DISCA

Distribuidora Catarinense

Livros, Jornais, Revistas, etc.

R. Lacerda Coutinho, 22

Caixa Postal, 400

Florianópolis — Santa Catarina — Brasil

.....  
CASA VITOR

Especialista em calçados para homens, senhoras e  
crianças

GRAVATAS

CAMISAS

MEIAS

CUÉCAS

ETC.

Exclusivista dos afamados calçados Scattamacchia  
Rua Felipe Schmidt, 3 Florianópolis

.....  
LIVRARIA MODERNA  
DE  
PEDRO XAVIER & CIA.

dispõe de variado sortimento de material escolar,

livros didáticos, papelaria e artigos de

escritórios em geral

Rua Felipe Schmidt,

Florianópolis

---

Solicitamos aos Senhores assinantes, cujas assinaturas terminaram e que desejam renová-las, o façam dirigindo-se à Direção da Revista. A assinatura, para quatro números (anual), sob registro é de Cr\$ 22,00.

ASSINE E DIVULGUE "SUL"

**DR. WILMAR DIAS**

ADVOGADO

**R. Vidal Ramos, 73**

**FLORIANÓPOLIS**

**SANTA CATARINA**

.....  
**A R T E C A**

**LUIZ EDUARDO SANTOS**  
**A R Q U I T E T O**

**Projetos — Construções — Loteamentos — Decorações**

**Rua Felipe Schmidt, 23 — Sala 2**  
**FLORIANÓPOLIS**

.....  
**DR. ARTHUR PEREIRA E OLIVEIRA**

**CLÍNICA GERAL DE ADULTOS**

**DOENÇAS DE CRIANÇAS**

**Consultório : Rua João Pinto 16, sob.**  
**Residência : Rua Alves de Brito, 20**  
**FLORIANÓPOLIS**

.....  
**CLÍNICA DE CRIANÇAS**

**DO**

**DR. M. S. CAVALCANTI**

**Residência :** **Consultório :**  
**R. Alves de Brito, 44 — R. Saldanha Marinho, 16**  
**Fone M. 732** **Das 3 às 5 horas**

**FLORIANÓPOLIS**



**CLÍNICA E CIRURGIA DE OLHOS,  
OUVIDOS, NARIZ E GARGANTA**

— do —

**DR. J. J. BARRETO**

(Formado pela Faculdade de Nacional de  
Medicina da Universidade do Brasil)  
Doenças e operações (olhos, ouvidos, nariz e  
garganta).

Refracção (para uso de olhos).  
Angioscopia retiniana (Classificação  
das hipertensões).

Chefe do Serviço Médico da Assistência Social  
de Diretoria Regional do Departamento dos  
Correios e Telégrafos de S. Catarina  
Curso especializado de "CANCER", com os  
professores Mário Kroeff e Alberto Coutinho,  
do Serviço Nacional do Cancer, do  
Rio de Janeiro.

Residência e Consultório: Rua Arcipreste  
Paiva, n. 5 (1º andar)  
Fone — 1445

N. B.: — Atenderá sòmente casos das  
especialidades.

Horário: Das 14 às 18 horas, diariamente.

---

Leia

Assine

Divulgue

S U L

ANUNCIE EM "S U L"

Auxilie a manter esta Revista que tem divulgado lá fóra  
as coisas — nomes, paisagens, fatos — de Santa Catarina.

## SUMÁRIO

Semana de Arte Moderna .....	S. M.
Movimento Modernista (trechos) .....	Mário de Andrade
Um nome tão simples .....	Eglê Malheiros
Inflação do conto .....	J. P. Silveira de Sousa
Walt Disney, gênio? .....	Nereu Góss
Conteúdo no cinema .....	Antonio da Silva Filho
Atavismo .....	Anibal Nunes Pires
Dedication .....	Walmor Cardoso da Silva
Gato Preto .....	Antonio Paladino
Esperemos a Noite .....	Walmir Ayala
A Noite é Má .....	Mário Mota
Uma carta para longe .....	Augusto dos Santos Abranches
Crepuscular .....	Sebastião da Gama
Três poemas de amor .....	Cristovão Pavia
Noivo .....	Rodrigues Marques
Ancstralidade .....	Nataniel Dantas
Parentesis .....	Carlos Banks
O famoso "Teatro Brasileiro de Co- média" .....	Ruy Brand Correa
Notas & Comentários .....	F. M., J. P. S. S., S. M., Marques Rebêlo, Redação, Sebastião da Gama, Matilde D'Espaux, E. M. e Itallno Peruffo.
Na rua morta .....	Guido Wilmar Sassi
Pierrot do século XX .....	A. Boos Jr.
J. M., Cego .....	Salm Miguel
A Traviata .....	Gulherme Sule
Reportagem sobre o museu de arte moderna de Florianópolis .....	E. M. R.

<p>"Sul" encontra-se à venda</p> <p><b>NO RIO</b></p> <p>Livraria José Olímpio Rua do Ouvidor, 110</p> <p>Livros de Portugal R. Gonçalves Dias</p> <p>Livros Franceses Avenida Presidente Antônio Car- los, 53.</p> <p><b>EM SÃO PAULO</b></p> <p>Agência Bandeirante — Rua Timbiras, 607 — Esquina Angéli- ca — Higienópolis.</p> <p>Museu de Arte Moderna, rua 7 de abril, 244 — 2º andar.</p>	<p>Agência Siciliano, rua D. José de Barros, 323.</p> <p><b>NO RECIFE</b></p> <p>Livraria Editora Nacional</p> <p><b>EM PORTO ALEGRE</b></p> <p>Livraria Miscelânea, Praça da Al- fândega, 38.</p> <p><b>EM BUENOS AIRES</b></p> <p>Libreria General de Tomás Pardo S. R. L. — Maipu, 618.</p> <p><b>EM FLORIANÓPOLIS</b></p> <p>Livraria Moderna — Rua Felipe Schmidt.</p> <p>Livraria Lider — Rua Deodoro, 33-A.</p>
--	--

**PREÇO: Cr\$ 5.00**